

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Simone Priscila Paludeto

Gênero e suas manifestações na primeira infância:
um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

São Paulo
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Simone Priscila Paludeto

**Gênero e suas manifestações na primeira infância:
um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Área de concentração:
Psicologia da Educação

Orientadora: Prof^a. Dra^a. Maria Regina Maluf

São Paulo
2010

Nome: Simone Priscila Paludeto

Título: Gênero e suas manifestações na primeira infância: um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À minha família, base e porto seguro.
Ao meu filho Victor, sentido de vida e amor.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é dirigido a meus pais, Sérgio e Neice, por terem sido o contínuo apoio em todos esses anos, ensinando-me, principalmente, a importância da construção e da coerência de meus próprios valores.

Ao meu filho Victor, você foi a minha força primordial.

Agradeço em especial à professora Dra Maria Regina Maluf, pela consideração de ter aceitado a orientação de minha dissertação. Obrigada pelo carinho, dedicação, disponibilidade, paciência, incentivo e a confiança em mim depositada.

À Dra Claudia Leme Ferreira Davis, a quem tive a honra de conhecer no processo seletivo, a qual fez parte da minha qualificação, fazendo sábias pontuações e comentários que enriqueceram enormemente este trabalho. Sinto-me lisonjeada e extremamente feliz em saber que estará comigo até o final. Exemplo de profissional competente. Muito obrigada!

Ao Carlos, meu companheiro nessa trajetória, que soube compreender, como ninguém, a fase pela qual eu estava passando. Durante a realização deste trabalho, sempre tentou entender minhas dificuldades, procurando me apoiar através da própria dissertação. Obrigada pela ajuda nas traduções e gráficos realizados. Agradeço-lhe, carinhosamente, por tudo.

Ao meu amigo Rafael, pela amizade. Passamos ótimos momentos juntos e, por muitas vezes, consegui elevar o meu nível de serotonina. Obrigada pelas gargalhadas e por me mostrar que não podemos perder a nossa essência e que em mim ainda existia uma pureza e alegria de criança.

À Viviani Zumpano, minha amiga de turma do mestrado e coordenadora do berçário em que realizei a pesquisa. Abriu-me as portas da instituição em que trabalha para a realização desta pesquisa. Muito obrigada por toda prontidão, atenção, respeito e amizade. Agradeço a toda equipe de profissionais do berçário que me atenderam sempre carinhosamente.

Aos meus amigos, que, de uma forma ou de outra, contribuíram com sua amizade e com sugestões efetivas para a realização deste trabalho. Gostaria de expressar minha profunda gratidão.

À Shiva e à filosofia do Yôga, que me proporcionaram mais calma, concentração e equilíbrio neste período.

Agradeço à CAPS, pela bolsa concedida durante um ano e meio de curso.

O meu profundo agradecimento a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização desta dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

O que eu quero contar é tão delicado quanto a própria vida, e eu queria usar a delicadeza que também tenho em mim ao lado da grossura de camponesa que é o que me salva.

Clarice Lispector

RESUMO

Paludeto, S. P. (2010). *Gênero e suas manifestações na primeira infância: um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

O sexo é herdado geneticamente, mas a participação da criança em um determinado grupo social e cultural deve ser construída. Estudos anteriores sugerem que entre 16 e 24 meses a criança já possui noções de identidade de gênero, conseguindo categorizar os objetos culturalmente apropriados ao gênero masculino e culturalmente apropriados ao gênero feminino. A presente pesquisa investiga as manifestações de identidade de gênero em crianças de 21 a 30 meses de idade, sob a influência da companhia de outra criança do mesmo sexo ou do sexo oposto. O estudo propõe verificar duas hipóteses. A primeira é a de que as crianças sejam influenciadas, durante a escolha e a manipulação de objetos, pelo sexo da criança parceira. A segunda é a de que se essa referência de gênero existe entre meninos e meninas, cuja manifestação de comportamentos imitativos será influenciada pelo gênero da criança parceira. Participaram desse experimento 12 crianças, com idades compreendidas entre 21 e 30 meses, sendo seis meninos e seis meninas, de nível socioeconômico médio alto. Foram formadas tanto díades de crianças do mesmo gênero quanto mistas. O procedimento consistiu em colocar as díades de crianças diante de brinquedos considerados ou masculinos ou femininos e observar suas escolhas e imitações. Cada díade de criança foi filmada durante 20 minutos na presença de objetos considerados apropriados ao gênero masculino e ao gênero feminino. Foram analisadas as escolhas das crianças, os comportamentos imitativos e o tempo de manipulação dos objetos. O estudo demonstrou que houve influência da criança parceira nas escolhas e nas manipulações de objetos. Nas díades de meninos predominou a manipulação de objetos apropriados ao gênero masculino e nas díades de meninas predominou a manipulação de objetos ao gênero feminino. No entanto, a frequência de escolha e manipulação de objetos femininos pelos meninos aumentou em díades mistas. No que se refere à imitação, os meninos mostraram uma tendência maior em imitar as meninas do que as meninas em imitar os meninos.

Palavras-Chave: Identidade de gênero. Brinquedos. Diferenças de gênero.

ABSTRACT

Paludeto, S. P. (2010). *Gender and its manifestations in early childhood: A study with children between 21 and 30 months old*. Master Degree Dissertation, Pos-Graduation Course in Educational Psychology, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Sex is genetically inherited, but the child's participation in a particular social and cultural group must be built. Previous studies suggest that between 16 and 24 months old the child already has notions of gender identity, being able to categorize objects culturally appropriate to males and females. This research investigates the manifestations of gender identity in children between 21 and 30 months of age under the influence of the company of another child of the same sex or opposite sex. This study proposed to verify two hypotheses. The first is that children are influenced by the sex of their child partner selecting and manipulating objects. The second is that if this mentioned gender reference exists between boys and girls, the manifestation of imitative behavior will be influenced by the gender of the child partner. 12 children between 21 and 30 months old participated in the experiment, six boys and six girls, medium to high social-economic level. Dyads were formed using children of the same gender and children of mixed gender. The procedure consisted of placing the dyads of children in the presence of toys, some of them suitable for boys and other suitable for girls, and watch their choices and imitations. Each child dyad was videotaped during 20 minutes in the presence of objects considered appropriate for males and females. The following were analyzed: objects chosen by children, imitative behavior and time of manipulation of objects. The study showed that child's choices and objects manipulations were influenced by their partners. In dyads exclusively male prevail the manipulation of objects appropriate to the male gender, and in exclusively female dyads prevail the manipulation of objects appropriate to the female gender. However the frequency of choice and manipulation of female objects by male children increased in mixed dyads. With respect to imitation, the boys showed a greater tendency to imitate the girls than girls to imitate the boys.

Key-Words: Gender Identity. Toys. Gender Differences.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização das crianças participantes da pesquisa quanto a idade e sexo. Também está apresentado o pareamento das díades masculinas, das díades femininas e das díades mistas	46
Tabela 2 – Síntese das respostas fornecidas pelos 50 entrevistados	50
Tabela 3 – Tabela utilizada para anotação do tempo em segundos durante o qual cada díade do mesmo gênero, masculina ou feminina, manipulou o objeto escolhido	54
Tabela 4 – Tabela utilizada para anotação do tempo em segundos durante o qual cada díade mista manipulou o objeto escolhido	54
Tabela 5 – Tempo de manipulação de objeto escolhido, considerado em segundos, por categoria, para díades masculinas e díades femininas. Tempo total analisado: 1200 segundos	57
Tabela 6 – Amostras Independentes para díades do mesmo gênero. Tempo de manipulação de objetos <i>masculinos</i> e de objetos <i>femininos</i> entre meninos e meninas	57
Tabela 7 – Amostras Dependentes para díades do mesmo gênero. Tempo de manipulação de objetos <i>masculinos</i> e <i>femininos</i> por meninos e tempo de manipulação de objetos <i>masculinos</i> e <i>femininos</i> por meninas	58
Tabela 8 – Tempo de manipulação de objeto escolhido, considerado em segundos, por categoria, para meninos e meninas em díades mistas. Tempo total analisado: 1200 segundos	59
Tabela 9 – Amostras Independentes para díades mistas. Tempo de manipulação de objetos <i>masculinos</i> e de objetos <i>femininos</i> entre meninos e meninas	60
Tabela 10 – Amostras Dependentes para díades mistas. Tempo de manipulação de objetos <i>masculinos</i> e <i>femininos</i> por meninos e tempo de manipulação de objetos <i>masculinos</i> e <i>femininos</i> por meninas	60
Tabela 11 – Tempo de manipulação do mesmo objeto, calculadas em segundos, para díades masculinas e díades femininas por categoria de objetos. Tempo total analisado: 1200 segundos	62
Tabela 12 – Amostras Independentes para díades do mesmo gênero. Tempo de manipulação dos mesmos objetos <i>masculinos</i> e <i>femininos</i> entre meninos e meninas	62
Tabela 13 – Amostras Dependentes para díades do mesmo gênero. Tempo de manipulação dos mesmos objetos <i>masculinos</i> e <i>femininos</i> por meninos e tempo de manipulação dos mesmos objetos <i>masculinos</i> e <i>femininos</i> por meninas	62

Tabela 14 – Tempo de manipulação do mesmo objeto, calculado em segundos, para meninos e meninas em díades mistas, por categorias de objetos. Tempo total analisado: 1200 segundos64

Tabela 15 – Amostras Dependentes para díades mistas. Tempo de manipulação do mesmo objeto *masculino e feminino* para meninos e meninas64

Tabela 16 – Amostras Dependentes para díades mistas. Tempo de manipulação do mesmo objeto *masculino e feminino* por meninos e tempo de manipulação do mesmo objeto *masculino e feminino* por meninas64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sala do Berçário.....	46
Figura 2. Soldadinho	51
Figura 3. Caminhão	51
Figura 4. Jogo de Ferramentas	52
Figura 5. Bijuteria	52
Figura 6. Boneca	52
Figura 7. Jogo de Cozinha	53
Figura 8. Distribuição dos Objetos	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. IDENTIDADE DE GÊNERO	15
2.1 Aspectos biológicos	17
2.2 Aspectos socioculturais	19
2.3 Estereótipos	21
2.4 Comportamentos imitativos	22
2.5 Educação diferenciada.....	25
2.6 Aspectos cognitivos	27
3. BRINQUEDO E GÊNERO	31
3.1 O papel do brinquedo na cultura	32
3.2 Brincadeira e cultura	32
4. ALGUMAS PESQUISAS SOBRE MANIFESTAÇÕES DE IDENTIDADE DE GÊNERO	34
5. OBJETIVOS	43
6. MÉTODO	45
6.1 Local e participantes	45
6.2 Procedimentos	47
6.2.1 Procedimento da coleta de dados	47
6.2.2 Materiais	49
6.2.2.1 Materiais selecionados para a pesquisa	50
6.3 Procedimento de análise	53
7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56
7.1 Escolha e tempo de manipulação dos brinquedos	56
7.1.1 Díades do mesmo gênero	56
7.1.2 Díades mistas	59
7.2 Imitação na escolha dos objetos	61
7.2.1 Díades do mesmo gênero – imitação	61
7.2.2 Díades mistas – imitação	63
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	72

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga as manifestações da identidade de gênero em crianças, sob a influência da presença de outra criança do mesmo sexo ou do sexo oposto.

O estudo de questões de gênero exige que sejam definidas as fronteiras teóricas entre gênero e sexualidade. A sexualidade humana é um tema que ainda desperta grande interesse na sociedade em geral, sendo um fator da maior importância na formação da personalidade do indivíduo. Por outro lado, os estudos sobre questões de gênero são mais recentes.

Com o avanço da tecnologia, consegue-se saber cada vez mais cedo o sexo do futuro bebê, o qual, por conseguinte, mesmo antes de nascer, passa a ser objeto das influências da sociedade, pois, quando a identidade sexual do bebê é identificada, os pais tendem a experimentar expectativas diferentes, em consonância com o modo como o seu grupo social percebe o sexo masculino e o sexo feminino. Assim, quando o sexo do bebê é feminino, a tendência verificada é a de seguir critérios considerados culturalmente apropriados para esse sexo, como fazer o quarto cor-de-rosa e comprar bonecas... Quando o sexo do bebê é masculino, a tendência dos pais é a de seguir padrões considerados adequados culturalmente para o menino, como comprar roupas azuis, carrinhos, ou ter um time de futebol escolhido.

Dessa forma, ao nascer, a criança encontra condições que lhe são preexistentes, que se apoiam inicialmente na percepção das diferenças anátomo-fisiológicas, as quais costumam ser designadas como comportamentos de “gênero”. No decorrer do desenvolvimento, a criança construirá a identidade de gênero a partir do seu sexo.

Sou psicóloga e desde a minha formação trabalho com crianças no *setting* terapêutico e escolar. Quando decidi cursar o mestrado, pretendia desenvolver um projeto de pesquisa voltado para o mundo infantil e para o seu desenvolvimento. O tema escolhido surgiu quando tive conhecimento sobre uma pesquisa desenvolvida com crianças brasileiras, que tinha como foco principal as primeiras manifestações de identidade de gênero. O assunto me despertou grande interesse, conversei com minha orientadora, Dr^a Maria Regina Maluf, e foi aceito prontamente.

Os estudos enfocando essa temática na faixa etária entre 21 e 30 meses, que encontrei quando dei início a este projeto, foram poucos. O ponto de partida foram os trabalhos de Le Maner-Idrissi, que produziu algumas pesquisas relacionadas ao gênero, tendo como foco

principal a identidade de gênero em crianças (Le Maner-Idrissi, 1996; 1997; 2001; Le Maner-Idrissi, Levêque & Massa, 2002).

A proposta da presente pesquisa tem por objetivo investigar as manifestações de identidade de gênero em crianças brasileiras, de 21 a 30 meses de vida, e nosso principal ponto de partida será constituído pelos estudos de Le Maner-Idrissi feitos em 1996, com algumas modificações.

Segundo Le Maner-Idrissi (1996), três aspectos são fundamentais para a construção da identidade de gênero: 1) o determinismo genético, que é o primeiro meio de identificação dos sexos; 2) o meio social, que molda e influencia sistematicamente o comportamento da criança na formação da identidade de gênero, sendo estimulada por todo seu desenvolvimento; e 3) as experiências individuais de cada criança, que envolvem os fatores cognitivos.

Este estudo tem como suporte teórico a Psicologia da Aprendizagem Social, numa perspectiva do desenvolvimento sociocognitivo, que, embora não descarte a importância do fator biológico, acredita sobretudo na influência da socialização e da cultura na construção e formação da identidade de gênero na criança. Portanto, o principal foco de análise da pesquisa é o aspecto social e cognitivo da criança.

No primeiro capítulo serão analisadas questões relacionadas com o sexo, iniciando-se pela definição da expressão e seguindo-se pelo gênero e identidade de gênero, que será a categoria de análise do presente estudo. Ainda nesse capítulo, será feita uma análise da categoria “identidade de gênero”, a partir das influências, na criança, dos aspectos biológicos, socioculturais e cognitivos.

O brinquedo e a brincadeira são incluídos no segundo capítulo, como situações privilegiadas de expressão da criança, assim como a noção de gênero na criança.

O terceiro capítulo traz algumas pesquisas relacionadas à identidade de gênero em crianças. Serão relatados os estudos de Le Maner-Idrissi (1996), Le Maner-Idrissi, Levêque & Massa (2002), Pascoto (2006), Cunha (2008), Serbin, Poulin-Dubois & Eichstedt (2002), entre outros.

Os capítulos seguintes relatam a metodologia da pesquisa, a saber: objetivos, local e participantes, procedimentos, procedimento da coleta de dados, materiais, materiais selecionados para a pesquisa e procedimento de análise, apresentação e discussão dos resultados e conclusões.

2. IDENTIDADE DE GÊNERO

Para iniciarmos a investigação sobre identidade de gênero, é importante conceituar os termos “sexo”, “gênero” e “identidade de gênero”, que serão abordados ao longo da pesquisa.

O sexo é geneticamente determinado por uma combinação cromossômica (XX, XY) dos indivíduos. O aparelho reprodutor está associado às diferenças genéticas. Antes do século XX, o sexo de uma pessoa era identificado apenas pela aparência da genitália e na fase adulta – pelos caracteres sexuais secundários (voz, mamas, etc.). Quando o conhecimento genético evoluiu e esta área do conhecimento foi instrumentalizada para diversas investigações das questões sexuais, descobriu-se a existência de outros elementos, como cromossomos e genes, que também eram responsáveis pela definição do sexo. No âmbito da biologia, os seres vivos de maior espécie estão divididos em duas categorias chamadas de sexos, as quais se referem a grupos complementares que podem combinar o material genético (DNA) por meio de sua conjugação. A palavra sexo é usada para se referir à divisão biológica entre o macho e a fêmea, aos órgãos sexuais e à relação sexual (os atos físicos relacionados com a reprodução sexuada) e a outros comportamentos da sexualidade humana.

O termo gênero surgiu no final da década de 70, usado por teóricos e estudiosos de mulheres e do feminismo, para se referir à construção social do sexo. Para Olinto (1998), gênero

Significa a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres. O uso do termo gênero, expressa todo um sistema de relações que inclui sexo, mas que transcende a diferença biológica. O termo sexo designa somente a caracterização genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos. (p. 162)

Logo, sexo é um constructo biológico, e gênero, um constructo cultural. Nesse sentido, o gênero refere-se a componentes não fisiológicos do sexo, ou seja, à construção de comportamentos culturalmente apropriados à dicotomia masculino/feminino, que provém do sexo. Tais comportamentos advêm de vivências da criança com o seu meio sociocultural.

O gênero, enquanto categoria e construção social, refere-se a papéis veiculados por uma determinada sociedade, que regem comportamentos predeterminados como sendo apropriados e característicos ao homem e à mulher.

Segundo Louro (1996), a palavra gênero passou a ser usada como distinta do sexo a partir de feministas anglo-saxãs. É o que se percebe na famosa frase de Simone de Beauvoir (1973), “*Não se nasce mulher, chega-se a sê-lo*”, que retrata claramente a reivindicação das feministas de que o gênero não é dado biológica e imutavelmente, mas que é necessário construí-lo social e culturalmente.

Rodriguez (2003) opina que a masculinidade e a feminilidade são um conjunto de posições e escolhas culturais. Para a autora, o gênero é uma forma de organizar as normas culturais passadas e futuras, carregadas de sanções, tabus e prescrições.

Ainda nessa linha de raciocínio, D’Amorim (1989) explica que o conceito de gênero está relacionado ao conjunto de aspectos psicológicos e comportamentais do homem e da mulher; portanto, “a expectativa de determinados traços de personalidade como típicos de homens e mulheres, é um constructo simbólico, de caráter social, cujas bases são os valores do grupo” (p. 72).

Dessa forma, as associações de comportamentos culturalmente apropriadas são internalizadas pela criança como respostas aos estímulos biológicos e sociais.

Para Block (citado por D’Amorim, 1989), o desenvolvimento da identidade de gênero se distingue nas seguintes fases: a percepção inicial da identidade sexual, a aceitação do papel de gênero imposto por meio da socialização direta, o exame crítico das implicações desta realidade cultural, chegando finalmente à construção da identidade de gênero, através da conciliação dos aspectos femininos e masculinos da própria personalidade, numa integração eminentemente pessoal.

Em seus estudos, Silva (1997) define a identidade de gênero como:

[...] um constructo constituído por vários componentes estruturados em diferentes épocas e por várias influências. Perpassa pelo sexo genético, gonádico, hormonal, legal de nascimento e de criação. Não é exclusivamente biológico, social ou psicológico, mas sim o produto de suas interações. (p.87)

Assim, a construção da identidade de gênero constitui o processo em que a criança se identifica social e culturalmente, tornando-se um menino ou uma menina. Nesse contexto, a criança constrói sua identidade de gênero por meio da observação e do convívio com as diferenças e semelhanças entre ela e as pessoas ao seu redor.

Algumas pesquisas (Le Maner-Idrissi, 1996; 1997; 2001; Le Maner-Idrissi, Levêque & Massa, 2002; Pascoto, 2006) sugerem que a criança, aos dois anos de idade, influenciada por uma combinação de fatores biológicos e sociais, já consegue organizar seus comportamentos em função do seu gênero, sendo capaz de identificar a sua categoria sexual de pertencimento. Estudos referidos por Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf (2004) demonstram que aos três anos de idade a criança consegue reconhecer-se como um menino ou uma menina, comportando-se como um indivíduo sexuado, sobretudo porque consegue expressar seus conhecimentos, privilegiando as interações com parceiros do mesmo sexo.

As principais bases para a constituição da construção da identidade individual e social da criança, assim como a adesão de papéis e valores relacionados ao seu sexo, manifestam-se sobretudo na tomada de consciência para se tornar menino ou menina.

Vários são os fatores que influenciam nessa tomada de consciência. Neste capítulo serão abordados os aspectos biológicos, socioculturais e cognitivos que permitirão uma melhor compreensão da construção da identidade de gênero durante os primeiros anos de vida na criança.

2.1 Aspectos biológicos

O sexo da criança é composto de um par de cromossomos, que, após sua fecundação, irá determinar se a criança nascerá menino ou menina. Como se percebe, o determinismo é antes de tudo genético, uma vez que homens e mulheres diferem pela composição de um par de cromossomos, que orientam o desenvolvimento do sexo corporal, de modo que se tornará possível atribuir um sexo à criança ao nascer (Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf, 2004).

Do ponto de vista biológico, a concepção do ser humano é determinada por 23 cromossomos do óvulo e 23 do espermatozoide, que, combinados, formam 23 pares de cromossomos, que irão compor cada célula do novo corpo a se desenvolver. Entre os 22 pares de cromossomos, há dois tipos deles que são denominados autossomos. Os pares possuem aparência semelhante e contêm informações sobre o mesmo conjunto de características. Há apenas um dos pares dos cromossomos que possui aparência e função diferentes, que determina o sexo da criança.

Como se sabe, a mulher possui pares de cromossomos X, o homem, cromossomos X e Y; quando as células germinativas do homem se dividem, metade dos espermatozoides levará um cromossomo X, e metade um cromossomo Y. Caso o espermatozoide que fecunda o óvulo carregue um cromossomo X, a criança herdará o padrão XX e nascerá uma menina; em contra partida, sendo o espermatozoide um Y, a combinação será XY, nascendo, portanto, um menino.

A distribuição adequada dos cromossomos sexuais é de fundamental importância para o desenvolvimento normal da criança. Caso contrário, algumas alterações cromossômicas ou hormonais podem produzir erros nas primeiras etapas da divisão celular, o que pode desencadear problemas durante, ou após, a concepção do feto. No caso dos meninos, entre a quarta e à oitava semana após a concepção, o hormônio masculino – testosterona – é secretado pelos testículos rudimentares do embrião. Caso esse hormônio não seja secretado, o embrião desenvolver-se-á fisicamente como feminino, mesmo que seja geneticamente XY. Se, durante o estágio de desenvolvimento, um hormônio masculino estiver presente num embrião XX, a criança terá uma genitália ambígua. Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf (2004) fazem as seguintes considerações:

Tanto para as meninas quanto para os meninos parece que nenhuma relação pode ser estabelecida entre as anomalias genéticas e a construção do indivíduo. As anomalias identificadas podem ter incidências funcionais (esterilidade, por exemplo), no entanto nenhuma perturbação da identidade sexuada parece estar associada a elas.

Em contrapartida, quando os órgãos sexuais externos são ambíguos, e isso frequentemente resulta de uma disfunção hormonal, pode ocorrer que o sexo atribuído ao nascer não se encontre em adequação com o sexo cromossômico. Nesse caso, é o sexo atribuído que tem a prioridade. Efetivamente, a criança desenvolve, geralmente, uma identidade sexuada que está de acordo com o sexo que lhe foi atribuído ao nascer.

Quando as secreções hormonais são de pequena monta, seu efeito parece ser reduzido. Esse efeito parece consistir essencialmente em predispor os indivíduos atingidos para atividades que são geralmente esperadas de indivíduos do sexo oposto. Estas observações colocam em evidência as relações que existem entre as secreções hormonais e a constituição do sistema nervoso central, que por sua vez induz comportamentos. (pp. 15-16)

Conclui-se, por conseguinte, que, embora as diferenças de gênero sejam baseadas em diferenciações sexuais masculinas e femininas, as formas como elas se processam são sociais e culturais. A partir dessa visão, admite-se uma interação entre os processos biológicos e culturais.

2.2 Aspectos socioculturais

Os papéis sexuais são adquiridos por meio da influência social, que começa a se mostrar a partir da gravidez da mãe, quando existem expectativas sobre o sexo da criança, as quais determinam, entre outras coisas, a escolha do enxoval.

A partir desse momento, a influência social atua de forma marcante, principalmente sobre valores e atitudes apropriados a cada sexo, os quais são progressivamente internalizados. À medida que internalizam as atitudes adequadas, homens e mulheres passam a manifestar comportamentos socialmente esperados. O papel sexual é assim psicologicamente assimilado e a pressão social aparece de maneira sutil, por agentes socializadores, na forma de modelos reais (familiares, amigos, professores) e simbólicos (apresentados em livros, propagandas e outros meios de comunicação de massa). Esses agentes reforçam e complementam a influência dos pais para socializar adequadamente os meninos e as meninas, fazendo-os assimilar as regras sociais apropriadas a comportamentos adequados ao seu sexo.

Portanto, os aspectos sociais e culturais são decisivos na formação da identidade de gênero da criança. Se a socialização é fundamental no processo de desenvolvimento de papéis de gênero, a cultura é responsável por organizar o desenvolvimento das formas de ser, pensar, sentir, e agir diferentes, que funcionam como uma espécie de ampliador das potencialidades humanas, podendo modificar as limitações trazidas pelo fator biológico (Rego, 1996).

A teoria da aprendizagem social cognitiva defendida por Albert Bandura atribui prioridade ao papel social que modela e leva a criança a se conformar com os papéis sexuais de sua cultura. Essa teoria se concentra nos conceitos fundamentais da teoria operante de aprendizagem, com a observação dos sujeitos em interação. Para o autor, existem três modos de aprendizagem: a interação social, o reforço, e a modelação.

Para ele, a criança aprende seu papel de gênero por meio do reforço vicariante, isto é, parte-se da observação do comportamento de outros modelos (pais, irmãos, educadores); esse processo é designado pelo autor como modelação:

[...] é o processo de aquisição de comportamentos a partir de modelos, seja este programado ou incidental. Também se nomeia como modelação a técnica de modificação de comportamento com o uso de modelos. (Bandura citado por Bandura, Azzi & Polydoro 2008, p. 124)

Por meio de sanções positivas e negativas na adoção de comportamentos apropriados ao seu sexo biológico, e a partir da identificação com outros modelos, as crianças vão assimilando que tipos de atitudes e atividades devem adotar adequadamente para o seu sexo.

Ainda de acordo com Bandura, os papéis de gênero são aprendidos pelos mesmos processos que outros tipos de informações sociais e comportamentais. Por outros termos, os comportamentos masculinos e femininos são transmitidos à criança tanto através de padrões de reforço (direto ou vicariante) quanto de modelos de homens e mulheres, ou seja, a criança recebe padrões de reforço adequados ao seu gênero.

Dessa forma, a criança vai adotando determinados comportamentos culturalmente apropriados ao seu gênero, por meio de reforços, conforme ressaltam Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf (2004):

Por exemplo, a menina receberá aprovação se ela se comportar em conformidade com as meninas e as mulheres de sua cultura. Inversamente, ela será reprovada e seus comportamentos serão reforçados negativamente se tentar adotar comportamentos codificados culturalmente como sendo masculinos. Por um processo de generalização, a criança chega então a integrar pouco a pouco os papéis que dela espera o meio social. (p. 16-17)

Dentro da perspectiva teórica de Bandura, a criança passa a adotar comportamentos adequados ao seu sexo, a partir de observações, imitações e interações com o seu meio social. Durante a convivência e interação com outras pessoas, a criança começa observar e a compreender comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade, passando, progressivamente, a tomar consciência das condutas que dela são esperadas e escolhe preferencialmente aquelas que entendeu serem apropriadas ao seu gênero.

Como essa forma de aprendizagem é modificada à medida que o fator cognitivo se desenvolve, a criança vai se moldando a comportamentos que a cultura espera dela. Entretanto, conforme o gênero se estabiliza, a criança aprende estereótipos de ações e papéis próprios do modelo masculino ou feminino, em sua zona de influência social.

Os teóricos da aprendizagem social acreditam que os comportamentos estereotipados são adquiridos da mesma forma que outros tipos de comportamento: comportamento instrumental e observação. Acreditam ainda que meninos e meninas sejam reforçados desde muito cedo, e que as crianças aprendem a esperar papéis apropriados ao seu sexo observando homens e mulheres.

2.3 Estereótipos

Rodrigues (2003, p.24) define estereótipo como sendo “expectativas e crenças partilhadas acerca de comportamentos apropriados e características para homens e mulheres numa dada sociedade”.

Várias pesquisas foram feitas com a finalidade de medir o grau de tipificação dos gêneros, e essas investigações fizeram o uso de testes para medirem o grau de masculinidade e feminilidade em crianças.

Brown (citado por Rodriguez, 2003) utilizou a escala IT, com crianças de cinco a nove anos. O teste foi constituído por fotografias de vários objetos e figuras associadas a papéis de gênero, e foi constatado que os meninos mostraram maior preferência por papéis masculinos do que as meninas. As meninas da pré-escola demonstraram preferências similares aos elementos masculinos e femininos, e foram mais variáveis que os meninos em suas preferências por papéis de gênero.

Em seus estudos, Maccoby & Jacklin (citado por Rodriguez 2003) relatam que:

[...] existe alguma evidência de que os meninos são mais tipificados, em relação aos papéis de gênero, do que as meninas, e são mais prováveis de evitarem atividades preferidas pelas meninas do que as meninas evitarem atividades preferidas pelos meninos. (p. 25-26)

Na concepção de Brougère (2004), o estereótipo provém dos pais e das pessoas que cercam a criança. Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas próprias escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, ursinhos e casinhas, já o dos meninos é azul, com carros em miniatura, bonecos de super-heróis, etc. Por isso, as meninas costumam brincar de “casinha”, representando o papel da mãe, e os meninos, de “motorista”, que dirige o carro. Logo, as escolhas de papéis apropriados ao sexo acontecem primeiramente no contexto em que a criança vive, especialmente em seu meio familiar.

Observa-se em nossa cultura que, se as condutas mais solicitadas para as meninas são as pró-sociais, para os meninos as atividades físicas são as mais estimuladas e encorajadas. O papel dos pais da criança na adoção dos papéis sexuais são explícitos, pois tendem a encorajar

as crianças nas escolhas de brinquedos e brincadeiras de acordo com o seu sexo, além de serem mais exigentes com os meninos.

Em seus estudos, Bichara (2001) aponta que a criança possui, desde muito cedo, a percepção sobre a rotulação de gênero, identidade de gênero, preferência por brinquedos sexualmente tipificados e a percepção de papéis sexuais adultos. Isso acontece porque, desde o seu nascimento, é transmitido todo um conjunto de expectativas para comportamentos e atividades consideradas apropriadas ao menino e a menina.

Pesquisas demonstram que a rotulação de gênero, a preferência por brinquedos sexo-relacionados e a percepção de papéis sexuais adultos podem ser observadas em crianças a partir dos 26 meses de idade (Weinraub et al, 1984). Outros estudos apontam que, a partir dos três anos de idade, a criança já é capaz de estabelecer sua identidade de gênero; aos seis anos, já parece demonstrar certo conhecimento sobre papéis sexuais e objeto sexualmente tipificado; e, aos 10 anos, já conhece traços abstratos relacionados com papéis sexuais. Sugerem ainda que, quanto maior a idade da criança, menos se verifica a presença de estereótipos de gênero (Meehan & Janik, 1990).

2.4 Comportamentos imitativos

Foi investigando o comportamento imitativo e a aprendizagem incidental, que Albert Bandura iniciou sua trajetória na ciência psicológica no século XX, com repercussões no século XXI. O autor acreditava que a imitação é um princípio de aprendizagem e que pode ser feita por reforçamento, tendo como mecanismo mediador os processos cognitivos (Bandura, Azzi & Polidoro, 2008).

De acordo com Bandura, a escolha de modelos ou a escolha de comportamentos do modelo que uma criança resolve imitar dependem de inúmeros fatores, entre os quais as características afetivas e sociais do modelo e da criança, além das circunstâncias motivacionais da situação de imitação.

Bandura realizou um experimento em que crianças foram expostas a modelos. O trabalho foi dividido em duas fases: na primeira, um grupo de crianças observava um modelo agressivo sendo reforçado, enquanto outro grupo observava um modelo agressivo sendo punido. Na primeira fase, constatou-se que houve uma maior imitação das crianças que foram

expostas ao modelo reforçado, o que se explica pela influência do reforço vicário ou indireto. Todavia, na segunda fase do experimento, na qual foram oferecidos reforços a todas as crianças, para que imitassem o modelo a que tinham sido expostas, verificou-se que tanto as crianças que haviam observado o modelo punido quanto as que tinham observado o modelo reforçado manifestaram alto grau de imitação. Isso vem a demonstrar que o reforço (direto ou indireto) atua sobre o desempenho, mas não sobre a aquisição de comportamentos imitativos, ou seja, todas as crianças haviam aprendido com o modelo por meio da observação.

A partir dessa e de outras evidências, Bandura (1962) concluiu que

O processo de aquisição da resposta está baseado na contiguidade de eventos sensoriais, devendo o condicionamento instrumental e o reforço ser talvez considerados como um processo de seleção de respostas e não de aquisição ou fortalecimento das mesmas [...]

[...] Obviamente, aprendizagem por imitação não é um processo de observação passiva, mas é uma manifestação ativa na qual outros fatores operam em conjunto com a estimulação sensorial na determinação do grau de aprendizagem imitativa. Exposição a uma pessoa ou a um conjunto complexo de estímulos não é, portanto, garantia de que se preste atenção a toda a gama de estímulos, ou de que necessariamente se selecionem e se aprendam os aspectos relevantes, desconsiderando os irrelevantes, ou mesmo que se percebam os estímulos corretamente. (pp. 260-161)

Baldwin (1973) relata um dos estudos realizados por Bandura sobre a imitação instrumental direta, aprendida por meio de reforço e imitação incidental de aspectos pouco relevantes do comportamento. O experimento consistia em reforçar o comportamento da criança toda vez que ela apresentasse a mesma resposta de um modelo.

Foram colocadas duas caixas iguais lado a lado, a uma distância de um metro e meio. Como sujeitos do experimento participaram o modelo e a criança. O experimentador colocou duas varas com figuras coladas numa das caixas, enquanto o modelo e a criança não estavam na sala. Em seguida, os dois voltavam para a sala e o modelo fazia a primeira escolha, e na sequência a criança. Se a criança escolhesse a mesma caixa do modelo, recebia um prêmio, e assim era reforçada a copiar uma escolha real. Tal experimento continuava até que a criança imitasse o modelo ou quatro vezes seguidas ou até que tivesse completado trinta tentativas sem chegar a um critério. A oportunidade para a imitação incidental decorria do fato de o modelo realizar ações distintas ao fazer a escolha. As caixas tinham pequenas bonecas sentadas na tampa, e o modelo agressivamente jogava a boneca no chão, dizendo, antes de

abrir a caixa, “Abrir a caixa!”; após abrir a caixa, afastava uma das varas que serviam como prêmio, colocava-a numa figura que estava pendurada na parede e recolocava a boneca na caixa. Para o grupo de controle, o modelo realizava ações bem diferentes, para testar as ações das crianças por imitação.

A situação de imitação foi verificada por último no experimento. As crianças foram divididas em dois grupos, baseados no tipo de interação que a criança e o modelo tiveram durante duas sessões anteriores de brinquedos. Para a metade do grupo, a interação anterior tinha sido de não estimulação, o modelo levava as crianças para a sala experimental, dava-lhe brinquedos e ficava distante num canto da sala. A outra metade de crianças tinha tido duas sessões de estimulação, nas quais o modelo sentava-se perto da criança, era afetuosa e respondia a seus pedidos de ajuda.

Foi verificado que existe muita imitação de ações incidentais e que as crianças que haviam sido estimuladas imitavam mais o modelo do que as não estimuladas. Além disso, esperava-se que os sujeitos dependentes imitassem mais do que os independentes; entretanto, todos tinham sido avaliados quanto à independência no jardim da infância, e a relação não se revelou nitidamente nesse estudo.

Embora numerosas pesquisas mostraram que crianças tendem a imitar os comportamentos adotados por indivíduos do mesmo sexo (Bandura; Ross & Ross; Bussey & Perry; Perry & Bussey citado por Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf, 2004), é preciso ressaltar, no entanto, que isso não ocorre de maneira sistemática, pois vários estudos apresentaram dados de que as crianças imitam indivíduos não necessariamente do mesmo sexo, mas sim os portadores de poder, sendo, levados, meninos e meninas, a imitar, dessa forma, ambos os sexos.

Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf (2004) verificaram, em diversas pesquisas citadas, que, a partir dos três anos de idade, a influência do sexo feminino é mais intensa na vida das crianças de ambos os sexos, e que, a partir dos cinco anos, as crianças sofrem influências não só dos dois modelos adultos, masculinos e femininos, como também por crianças de seu próprio sexo. Esses estudos referenciados pelas mesmas autoras revelaram que mães que trabalham fora e ocupam um cargo considerado importante mostram-se menos tradicionais com relação à distribuição de papéis sexuais.

Powlishtha et al (citado por Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf, 2004) apresentaram resultados de estudos entre a correlação dos papéis sexuais e a composição familiar. As

autoras constataram que crianças de famílias monoparentais tendem a adotar condutas menos estereotipadas do que crianças provenientes de famílias biparentais. Revelaram ainda que, quanto à distribuição de papéis, crianças que vivem em um meio tradicional apresentam mais comportamentos estereotipados do que aquelas que vivem em famílias menos convencionais, nesse aspecto.

Estudos realizados em contexto escolar verificaram que crianças que estudam em escolas mistas, em contato permanente com os dois sexos, tendem a se comportar de maneira menos estereotipada do que crianças que estudam em escolas só para meninos ou só para meninas (Bianchi & Bakeman citado por Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf, 2004).

Outros estudos envolvendo os meios de comunicação revelaram que, dependendo do tipo de programa assistido e do tempo de exposição à televisão, a criança pode apresentar mais comportamentos estereotipados a respeito de um e de outro sexo. (Signorella et al citado por Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf, 2004).

De acordo com os estudos apresentados, verificou-se que essas presenças de modelos exercem grande influência no comportamento da criança. Tais estudos apontam ainda a imitação como fonte de aprendizagem, interferindo sistematicamente, de maneira geral e em específico, no comportamento sexual da criança.

2.5 Educação diferenciada

O sexo é uma espécie de organizador de condutas, pois, além de reger as representações que os adultos têm das crianças, são os adultos quem organizam suas atitudes e comportamentos de acordo com o sexo da criança.

Desde o nascimento, a criança passa a ser moldada em seu papel sexual, que é claramente definido nas expectativas e percepções de seus pais. Assim, a própria cor da roupa do bebê, azul para meninos e rosa para meninas, exemplifica as diferenciações puramente convencionais, que vão limitar alternativas na vida da criança.

As expectativas dos pais quanto ao comportamento diferenciado do menino e da menina se confirmam, na medida em que, ao perceberem-no como fundamentalmente diferente, passam a responder-lhe diferencialmente, moldando seu comportamento. A sociedade prescreve o conjunto de atitudes, comportamentos e reações emocionais típicos

para cada sexo: “menino não chora”, “menina deve sentar direitinho”, “menina tem que ser vaidosa”, etc.; a criança é ensinada sobre como deve e não deve comportar-se enquanto menino e menina. As representações masculinas remetem sempre à ideia de seres robustos, fortes e vigorosos; já as representações femininas, à ideia de delicadeza, fragilidade e meiguice.

Cada criança é socializada no sentido de manifestar os comportamentos e as reações permitidas ao seu sexo, ao mesmo tempo em que deve evitar os comportamentos e as reações características do sexo oposto.

Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf (2004) referenciam algumas pesquisas sobre atitudes diferenciadas dos adultos e citam os trabalhos de Smith & Lloyd; Seavey, Katz & Zalk. As pesquisas se basearam na observação de brincadeiras de um adulto com uma criança. O brinquedo foi o mediador sociocultural que permitiu estudar as escolhas das crianças e dos adultos. Todas as observações foram videogravadas e os brinquedos foram identificados como masculino, feminino ou neutro. Os resultados das pesquisas mostraram que os adultos ofereceram às crianças objetos em decorrência do sexo, e não em função do seu comportamento. Dessa forma, constataram que o gênero tende a exercer grande influência sobre o tipo de brincadeira iniciada pelo adulto.

Lewis, Scully & Condor (1992) mostraram, por meio de pesquisas, que o comportamento diferenciado da criança é que motiva a reação do adulto. Os pesquisadores observaram que as atitudes diferenciadas de meninos e meninas levam o adulto a tomar atitudes diferenciadas em relação ao sexo da criança. Durante o estudo, verificaram que os indivíduos adultos ofereceram mais brinquedos considerados culturalmente apropriados para o gênero masculino para os meninos e brinquedos culturalmente apropriados para o gênero feminino às meninas. Como para esse experimento, as mães ficaram presentes, pôde-se observar que as meninas ficavam por mais tempo próximas às suas mães. Essa atitude pode ter influenciado a atitude do experimentador, fazendo com que tivesse privilegiado brinquedos mais suaves e delicados (femininos), a fim de possibilitar uma aproximação da criança. Dessa forma, o comportamento da criança motivou um comportamento diferenciado do adulto.

Se levarmos em conta tais estudos sobre as atitudes diferenciadas dos pais ou adultos próximos da criança, em relação ao gênero, podemos concluir que dois aspectos podem influenciar tais atitudes: o ambiente físico que a criança vive e as expectativas dos pais em relação a um ou outro sexo.

2.6 Aspectos cognitivos

Os teóricos cognitivos focam tanto a atenção na compreensão do gênero, por parte das crianças, quanto em como a percepção do gênero motiva as crianças a se comportarem de acordo com o seu papel sexual.

A teoria do desenvolvimento cognitivo foi inicialmente proposta por Kolberg em 1966 e procura descrever a interação progressiva entre a criança e o seu meio, realçando sempre a importância das dinâmicas do desenvolvimento cognitivo e da compreensão da estabilidade da identidade de gênero.

Em seus estudos, Kohlberg (1966) descreve os efeitos da influência do ambiente social sobre a criança e relata que os comportamentos são modelados e até controlados por mudanças cognitivas. Para o autor, o primeiro passo na organização cognitiva do mundo social da criança é a identidade de gênero, pois ele acredita que a compreensão por parte da criança é limitada por sua crença de que as diferenças de gênero encontram-se na aparência ou no comportamento.

Segundo o autor, “[...] as atitudes sexuais básicas não são diretamente moldadas por instintos biológicos ou normas culturais arbitrárias, mas pela organização cognitiva da criança sobre as dimensões do papel sexual de seu mundo social” (1966, p. 82).

A teoria de Kohlberg pressupõe que a identidade de gênero, ou a autocategorização da criança como menino ou menina, é o organizador básico das atitudes em relação ao papel sexual. Essa identidade de gênero resulta de um julgamento de realidade, feito relativamente cedo no desenvolvimento da criança.

A autocategorização da criança como menino ou menina conduziria à valorização de comportamentos e atitudes típicos do próprio sexo. Dessa forma, ao se categorizarem como homens, os meninos passariam a valorizar o que é masculino, enquanto as meninas, ao se categorizarem como mulheres, passariam a valorizar o que é feminino.

A identificação com o papel sexual adequado seria, portanto, dependente da autocategorização da criança e de seus motivos para preservar uma autoimagem positiva. Assim, se a criança valoriza aquilo que pertence à sua classe genética, masculina ou feminina, evita o conflito e a situação de desequilíbrio cognitivo.

Além disso, a identificação com o sexo é também mediada cognitivamente pelo *status* e pelo papel do modelo na família, meio social, e pela percepção de semelhanças. A partir da autocategorização, a criança busca a identificação com figuras semelhantes. O desejo de ser masculino ou feminino provoca o desejo de se identificar ou imitar modelos adequados.

Para a teoria cognitiva, a identidade de gênero é o resultado de uma construção interna, que está ligada ao desenvolvimento intelectual. Dessa forma, assim como na teoria da aprendizagem, a criança organiza suas experiências, relacionando-as internamente e tentando dar-lhes consistência. Tal teoria defende que a criança tentará imitar um adulto do mesmo sexo, depois de ter compreendido o seu próprio sexo. Os conceitos e crenças sobre o que é apropriado sexualmente antecedem a motivação para apresentar atributos do próprio sexo, constituindo a base da aquisição de papéis de gênero.

A partir daí, Kohlberg (1966) elaborou um modelo específico a fim de explicar a construção da identidade de gênero. Segundo ele, a identidade de gênero depende principalmente do desenvolvimento cognitivo, pois a criança organiza e classifica seus comportamentos em torno do seu sexo.

Kohlberg (1966) concebe a aquisição da identidade de gênero e os comportamentos relacionados ao gênero em três estágios:

1. Identidade de gênero: nesse estágio a criança é capaz de afirmar sua própria identidade de gênero assim como de outras pessoas.
2. Estabilidade de gênero: a criança considera que a identidade sexuada é uma característica estável no tempo (um menino se tornará um homem e uma menina se tornará uma mulher).
3. Constância de gênero: nesse estágio a criança considera que a identidade sexuada é uma característica estável, qualquer que seja o contexto ¹.

De acordo com o autor, a compreensão de gênero por parte da criança é limitada por sua crença de que diferenças de gênero dependem de diferenças na aparência ou no comportamento, em vez de diferenças biológicas. Para Kohlberg, é a partir dos quatro ou cinco anos que a criança entende que sua biologia é inalterável e que elas serão sempre homens ou mulheres. Logo, como a identidade de gênero pode prover uma organização estável das atitudes psicosexuais da criança apenas quando esta tem certeza de sua imutabilidade, o autor refere-se a isso como sendo a constância de gênero, que consiste no

¹ Le Maner-Idrissi, G. Barbu, S. Maluf, M.R. (2004). A construção da identidade sexuada durante os primeiros anos de vida. In *Psicologia educacional: questões contemporâneas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 32.

entendimento da criança de que o seu gênero não pode mudar ao longo do tempo (estabilidade), e que não é alterado pela transformação de características observáveis, como roupas e estilos de cabelo, por exemplo.

Em seus estudos, Rodrigues (2003) destaca que os pesquisadores cognitivo-desenvolvimentais “falharam” na confirmação de que o conhecimento da constância de gênero presumiria a compreensão da criança de papéis de gênero ou a sua motivação para adotar comportamentos apropriados ao seu sexo. As crianças, desde a mais tenra idade, possuem conhecimento sobre os papéis de gênero, daí comportarem-se de maneiras tipificadas ao seu sexo, mesmo antes de terem adquirido o reconhecimento de sua constância de gênero.

Em resposta a essa limitação da teoria cognitivo-desenvolvimental, pesquisadores que sustentavam a teoria do esquema de gênero argumentaram que a motivação das crianças pequenas, para se comportarem de maneira apropriada ao seu gênero, deriva, por outro lado, de seus esquemas de gênero. Em 1981, Martin e Halverson (citado por Le Maner-Idrissi, Barbu & Maluf, 2004) propuseram um modelo de esquema de gênero. O esquema proposto permitiria a memorização e a organização das experiências, a partir das quais o indivíduo poderia fazer generalizações, que poderiam guiar a criança em sua compreensão, na estruturação do seu meio ambiente e na memorização das informações.

Os esquemas de gênero poderiam levar o indivíduo a ignorar as informações que não combinariam com o esquema, assim como distorcer as percepções para torná-las adequadas. Eles se subdividem em dois esquemas específicos:

–o primeiro é do tipo *in-group/out group*: um esquema geral que permite ao sujeito classificar as condutas, os traços, os objetos e os papéis como sendo femininos ou masculinos (exemplo: as meninas brincam com bonecas e os meninos com carrinhos).

–o segundo esquema é do tipo *own-sex schema* (aplicação a si mesmo de um esquema de gênero). Ele permite à criança adotar as condutas pertinentes em função de seu pertencimento a uma ou a outra categoria de sexo, e contribui para as escolhas da conduta apropriadas a ela (exemplo: eu sou um menino, portanto não brinco de boneca).

Dessa forma, ambas as teorias explicam, de maneira complementar, que o conhecimento de gênero das crianças provém da maturação de sua estrutura cognitiva. No entanto, a teoria do esquema de gênero explica de uma maneira mais completa como a criança detém esse conhecimento. Quando estabelecida a identidade de gênero, são aumentadas as

variedades como as crianças usam o seu conhecimento sobre a categoria de gênero a que pertencem para interpretar, categorizar e memorizar as informações necessárias para se engajar no mundo de maneira adequada.

Um dos objetos mais utilizados na área da educação infantil é o brinquedo, pois é considerado por alguns pesquisadores da área infantil essencial, em diversos aspectos, para o desenvolvimento social, intelectual e emocional da criança. Considerando que esse objeto foi criado por um adulto, com marcas de uma cultura e traços de significações sexuais, nos ocuparemos dele no próximo capítulo, enfocando sua importância no estudo sobre o gênero em crianças.

2. BRINQUEDO E GÊNERO

Neste capítulo, propomo-nos abordar o objeto brinquedo e sua importância para o desenvolvimento infantil. Em seus estudos Brougère (1995) define o brinquedo de duas maneiras:

— Do ponto de vista da brincadeira: o brinquedo é utilizado como suporte, podendo ser um objeto manufaturado ou um objeto fabricado pela criança que brinca;

— Do ponto de vista da representação social: o brinquedo é um objeto industrial, ou artesanal, que transmite à criança conteúdos simbólicos, imagens e representações produzidas pela sociedade.

Percebe-se que qualquer brinquedo oferecido à criança remete a um retrato social e cultural, uma vez que, ao oferecê-lo, o adulto oferece também significados que deseja que sejam repetidos pela criança para adaptar-se futuramente à vida adulta. É por meio do brinquedo que a criança tem oportunidade de desenvolver um canal de comunicação com o mundo dos adultos, onde “ela restabelece seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros” (Garbarino et al citado por Bomtempo, 2003, p. 69).

O brinquedo é um objeto de forte conteúdo simbólico (Bomtempo, 2003; Brougère, 2004; Kishimoto, 2003), que está totalmente ligado a inferências relacionadas à cultura. Ele proporciona a associação entre uma ação e uma ficção, quando a criança, por meio do brinquedo, experimenta relações de posse, de abandono, de perda e desestruturação, as quais serão substituídas por outros objetos ao longo de sua vida.

Como se pode perceber, a originalidade do brinquedo não está apenas na ação do objeto e no seu valor simbólico, mas também na sua dimensão funcional.

Ao propor ações, sejam elas sensório-motoras, simbólicas ou sustentadas pela presença de um sistema de regras, o brinquedo estimula condutas mais ou menos abertas, estrutura comportamentos e aparece, portanto, como exercendo, nesse nível, uma função de socialização que permite a inscrição de comportamentos socialmente significativos na própria ação da criança. (Brougère, 1995, p. 66)

O brinquedo pode possibilitar a transmissão de esquemas sociais, pois é um objeto com grandes potencialidades enquanto fator de socialização; e sua especificidade está no fato dele estimular uma reação.

3.1 O papel do brinquedo na cultura

Em seus estudos, Brougère (1995) afirma que toda socialização remete a uma apropriação de cultura, já que o indivíduo possui um “banco de imagens” expressivas dentro de seu espaço, por meio das quais, além de símbolos e de significados, ele consegue se expressar.

O brinquedo é um objeto, e sua expressão aparece por meio de materiais com formas, cores e sons, que são produzidos por pessoas que vivem numa determinada sociedade e se utilizam de recursos advindos de sua cultura para sua criação.

Segundo Brougère (1995), o brinquedo é um objeto complexo, que permite a compreensão da cultura, e seu conteúdo está implícito no comportamento que a sociedade espera da criança. Alguns brinquedos privilegiam o universo doméstico para as meninas, e o automobilístico para os meninos. Para o autor, o brinquedo é um objeto carregado de significados da realidade cultural. Dessa forma, ao manipular brinquedos, a criança adquire uma representação simbólica de sua cultura.

Através da manipulação de brinquedos, a criança pode manipular os códigos culturais e sociais e projetar ou exprimir, por meio de comportamentos, uma relação individual com esse código. Esse aspecto é bem ilustrado nas diferenças de comportamento entre meninos e meninas.

3.2 Brincadeira e cultura

O brinquedo é um instrumento que proporciona à criança imagens, representações, universos imaginários e acesso ao brincar, isto é, ele estrutura e dá suporte ao conteúdo da brincadeira. A brincadeira é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica (Kishimoto, 2003).

De acordo com Brougère (1995), a brincadeira é um meio de entrada para a cultura, na medida em que é, por meio dela que a criança se relaciona com os conteúdos culturais que ela própria reproduz e dá significação, ou seja, a criança se apropria do universo que a rodeia para harmonizá-lo com sua própria dinâmica. Essa apropriação passa por transformações, modificações e adaptações, para se transformar numa brincadeira.

A criança, desde o nascimento, está inserida num contexto social, e seus comportamentos são em parte consequências dessa imersão. A brincadeira é parte dessas relações interindividuais e da cultura.

Para concluirmos, lembremos que utilizamos como ferramenta em nosso estudo o brinquedo, pois é a partir dele que a criança chega à brincadeira. O brinquedo é um meio de comunicação muito adequado para crianças se expressarem nos primeiros anos de vida, visto que a fala, em algumas crianças, ainda não é muito bem desenvolvida.

4. ALGUMAS PESQUISAS SOBRE MANIFESTAÇÕES DE IDENTIDADE DE GÊNERO

No Brasil, a literatura especializada sobre identidade de gênero é escassa. Já em âmbito internacional, pode-se encontrar material de pesquisa em maior quantidade. Por se tratar de obra capital sobre o tema, faremos um relato minucioso do estudo de Le Maner-Idrissi (1996), tendo em vista sua utilização como base deste estudo. Outros estudos também serão aqui mencionados, dentro da mesma temática.

A pesquisa de Le Maner-Idrissi (1996), um sistema interno de gênero aos 24 meses, teve como objetivo analisar as primeiras manifestações da identidade de gênero em crianças de 24 meses de idade. A pesquisadora trabalhou com a hipótese de que crianças de 24 meses de idade possuem um sistema interno de reconhecimento de gênero, e que esse sistema de referência orienta seus comportamentos de tal forma que faz com que elas se comportem como um indivíduo com sexo definido, de acordo com sua cultura.

Le Maner-Idrissi (1996) desenvolveu uma pesquisa experimental, numa situação planejada, de manipulação de brinquedos, com base na representação social, relacionados a objetos masculinos, femininos e neutros. A experimentação consistiu em verificar as manifestações da identidade de gênero, através de preferências por brinquedos do gênero masculino e do gênero feminino.

O trabalho de pesquisa contou com a participação de 24 crianças, de 24 meses de idade, sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Todas as crianças eram filhos únicos ou primogênitos, com familiaridade umas com as outras. As crianças foram separadas em díades do mesmo sexo e em díades mistas.

Os materiais utilizados nos experimentos foram:

- Brinquedos Masculinos – Trem, Pistola e Bancada de ferramentas.
- Brinquedos considerados Femininos – Boneca, Jogo de Chá e Bijuteria.
- Brinquedos Neutros – Telefone, Bola e Fazendinha.

As observações das manipulações dos brinquedos foram realizadas a partir de gravações em vídeo, com duração de 20 minutos. A unidade de tempo utilizada foi de segundos.

Foram conduzidos três experimentos. O primeiro foi feito com díades de crianças do mesmo sexo, e foram propostas as três categorias de objetos para as crianças: masculino, feminino e neutro. O segundo experimento foi composto por díades mistas, um menino e uma menina. Foram propostas às crianças as mesmas categorias de objeto do primeiro experimento. No terceiro experimento, foram utilizados os mesmos materiais dos experimentos anteriores, só que desta vez, sendo oferecido à criança apenas um objeto de cada vez. O intuito da pesquisadora foi estudar possíveis rejeições a objetos inapropriados ao seu sexo. Nessa situação, a criança teria duas possibilidades: se realmente existisse um sistema de gênero, ela adotaria uma atitude de rejeição, não manipulando o brinquedo, ou manipulando menos. Na inexistência de referência de gênero, ela manipularia tranquilamente os brinquedos, tanto os considerados apropriados para o sexo oposto quanto os apropriados para o seu sexo. A primeira categoria de brinquedos apresentada foi a masculina, depois a feminina e por último a neutra, com intervalo de uma semana entre as sessões.

A primeira hipótese levantada concentrou-se no presumido, ou seja, que meninos escolheriam objetos masculinos e meninas objetos femininos. Nas díades do mesmo sexo, as crianças preferiram objetos apropriados ao seu gênero masculino ou feminino. O mesmo não aconteceu com as díades mistas. As meninas, quando na presença de meninos, mantiveram suas escolhas associadas ao gênero feminino. Em contraste, a escolha dos objetos pelos meninos dependeu estritamente da composição da díade, isto é, eles escolheram mais objetos femininos nas díades mistas do que nas díades masculinas.

Em síntese, pode-se dizer que Le Maner-Idrissi observou que, aos 24 meses de idade, meninos e meninas possuem conhecimento sobre a identidade de gênero, conseguem diferenciar os dois sexos, masculino e feminino, a categoria de gênero dos objetos, e que em certas condições preferem comportamentos apropriados ao seu sexo. A pesquisadora verificou outros resultados apenas em meninas, como por exemplo as escolhas quanto ao gênero do brinquedo feminino, que aconteceram em díades mistas e também em díades do mesmo sexo, e as atitudes das meninas, associadas ao gênero, que foram estáveis, diferentemente dos meninos, que mudaram as escolhas dos brinquedos em função da sua díade. A autora explica esses resultados apontando a existência de uma espécie de lacuna entre o sexo masculino e feminino, no que se refere à aquisição de um sistema interno de gênero.

Contudo, a pesquisa revelou que, mesmo havendo diferenças entre os dois sexos, aos 24 meses de idade, as crianças de ambos os sexos demonstram comportamentos associados ao

gênero masculino e feminino, pois as crianças nessa idade possuem noção sobre sua identidade de gênero e os papéis que advêm dessa identidade.

Outro estudo realizado por Le Maner-Idrissi, Levêque & Massa (2002), com crianças pequenas, foi sobre as manifestações precoces da identidade de gênero. O estudo teve como objetivo testar a existência de um esquema de gênero já existente em crianças, desde a metade do segundo ano de vida. A hipótese das pesquisadoras era de que meninos manipulariam mais brinquedos masculinos e que meninas manipulariam mais brinquedos femininos. A pesquisa contou com a participação de 48 bebês, 24 meninos e 24 meninas, com idades compreendidas entre 16 e 18 meses.

Foi desenvolvida uma pesquisa experimental, de manipulação de brinquedos, masculinos e femininos. Todas as observações foram gravadas em vídeo e realizadas em duas etapas:

— Na primeira, foram colocados díades de bebês do mesmo sexo, 12 meninos e 12 meninas, e observadas as escolhas preferenciais dos objetos do gênero masculino e feminino.

— Na segunda, os bebês foram colocados em díades mistas, os 12 outros meninos e as 12 outras meninas. Foram colocados objetos masculinos, durante 10 minutos, e, durante os outros 10 minutos, objetos femininos.

As pesquisadoras puderam constatar em seus estudos que os bebês apresentaram comportamentos relacionados ao gênero antes dos dois anos de idade, pois manifestaram preferências por brinquedos que eram culturalmente apropriados ao seu sexo. Concluíram ainda que bebês dessa idade já possuíam mecanismos referentes aos gêneros masculino e feminino.

Duas outras pesquisas foram realizadas no Brasil, tendo como foco principal o gênero em crianças pequenas. A seguir, faremos um breve relato dessas pesquisas, considerando que tiveram no seu ponto de partida os trabalhos desenvolvidos por Le Maner-Idrissi e foram realizadas com crianças brasileiras.

Pascoto (2006) pesquisou as primeiras manifestações de identidade de gênero com crianças de 16 a 18 meses, trabalhando com a hipótese de que nessa idade os bebês conseguiriam manifestar comportamentos relacionados à categoria sexual: masculino e feminino.

A autora desenvolveu seus estudos a partir de uma replicação da pesquisa de Le Maner-Idrissi, Levêque & Massa (2002). O objetivo de seu trabalho foi investigar as manifestações precoces da identidade de gênero. O trabalho foi realizado em quatro creches públicas da região metropolitana de São Paulo. Foram sujeitos de pesquisa 20 bebês, com idades compreendidas entre 16 a 18 meses, sendo 10 meninos e 10 meninas. O experimento consistiu em observar as manipulações de brinquedos apropriados ao gênero masculino e feminino que foram previamente escolhidos pela pesquisadora. Os bebês foram colocados de frente para os brinquedos do gênero masculino e do gênero feminino. Todos os bebês foram observados individualmente por um período aproximado de 12 minutos, as observações foram gravadas em vídeo. Foram analisados o tempo e a escolha dos objetos.

O resultado encontrado por Pascoto confirmou sua hipótese, apontando que meninos e meninas fizeram suas escolhas diferenciadas, de acordo com as manifestações de gênero masculino e feminino, mostrando preferências por brinquedos que em sua cultura são adequados ao seu sexo. A pesquisa constatou que as diferenças de gênero se apresentaram marcantes nos bebês, podendo, portanto, estar presentes nos comportamentos desde a mais tenra idade. As expectativas com relação às escolhas preferenciais de gênero foram confirmadas com crianças de 16 a 18 meses, de nível socioeconômico médio baixo, confirmando os resultados semelhantes aos das pesquisadoras Le Maner-Idrissi, Levêque & Massa (2002).

Em 2008, Cunha realizou uma pesquisa cujo título é “Identidade de gênero em situação de brinquedo: um estudo com crianças pré-escolares”, investigando as manifestações da identidade de gênero em crianças pré-escolares. A pesquisa teve como objetivo observar como a identidade de gênero se manifestaria em situação de brinquedo com crianças de quatro e cinco anos de idade. A investigação contou com a participação de 18 crianças de duas turmas da educação infantil de uma escola pública do estado da Paraíba, com idades entre quatro a cinco anos. As crianças foram divididas em três tríades masculinas e três tríades femininas. As sessões foram videogravadas, sendo analisados 10 minutos por sessão. Foram analisados o tempo e a manipulação dos brinquedos.

O experimento consistiu em manipulações de brinquedos apropriados a cada categoria sexual: masculino e feminino. Foram apresentados às crianças cinco brinquedos considerados masculinos e cinco brinquedos considerados femininos.

As crianças foram divididas em três tríades masculinas e três tríades femininas. Foram analisados o tempo e a manipulação dos brinquedos. A partir dos resultados, foi verificado

que meninos manipularam por mais tempo brinquedos considerados masculinos, e que meninas manipularam por mais tempo brinquedos considerados femininos.

O estudo constatou que crianças nessa faixa etária possuem noção de certo e errado na escolha de brinquedos sobre a base do gênero, pois conseguiam categorizar os objetos como masculinos e femininos e escolhê-los de acordo com a noção de pertencimento à sua categoria sexual. Verificou-se ainda que as meninas brincavam de maneira mais tranquila, escolhendo determinado brinquedo, manipulando-o calmamente. Ficaram sentadas ou realizando movimentos lentos sem se deslocar muito, diferentemente dos meninos, que se movimentavam bastante num ritmo acelerado. A pesquisadora notou que nessa faixa etária, quatro a cinco anos de idade, as crianças demonstram estereótipos de gênero a ponto de não experimentarem sensações e situações que despertam curiosidade por estarem relacionadas à categoria sexual oposta à sua.

Foram também encontrados outros estudos que investigaram questões relacionadas ao gênero.

Serbin, Poulin-Dubois & Eichstedt (2002) investigaram o conhecimento de crianças sobre os estereótipos de gênero masculino/feminino durante a primeira infância. O estudo examinou a reação de crianças a atividades gênero estereotipadas de adultos, utilizando o paradigma do olhar preferencial. A hipótese da pesquisa era de que crianças aos 24 meses de idade possuíam conhecimento sobre estereótipo de gênero, gastando, portanto, mais tempo na observação de figuras gênero inconsistente do que nas figuras de gênero consistentes.

Participaram do experimento 77 crianças de 24 meses de idade, sendo 36 meninos e 35 meninas; cinco crianças tiveram seus resultados descartados. Todas as crianças participantes eram de origem Canadense-Europeia, de nível socioeconômico médio, com famílias que falavam o idioma inglês ou francês, e nenhuma possuía problema algum de visão ou audição.

O material utilizado para o experimento foram: a) nove pares de fotografia coloridas mostrando um homem e uma mulher adultos realizando atividades idênticas; b) três pares de fotografias mostrando os atores em atividades do estereótipo masculino (consertando um carrinho, recolhendo o lixo, utilizando um martelo); c) outros três pares mostrando os atores em atividades do estereótipo feminino (alimentando um bebê, passando roupa, colocando maquiagem); e d) outros três pares mostrando os atores em atividades do estereótipo neutro (calçando sapatos, lendo, acendendo a luz).

As atividades masculinas e femininas foram classificadas como altamente gênero-estereotipadas por um grupo de 12 pessoas, sendo seis homens e seis mulheres. Os dois atores, o homem e a mulher realizando as tarefas correspondentes na fotografia, eram prontamente identificados como do sexo masculino e do sexo feminino, com base no corte de cabelo e no tipo de roupa que utilizavam. Ambos possuíam os cabelos e as roupas de cores iguais, possuindo também características faciais similares. As fotografias mostravam os atores, e uma voz de um homem ou uma mulher adulta perguntava quem estava fazendo determinada atividade (por ex., “Quem está passando a maquiagem?”).

As crianças foram colocadas sentadas em uma cadeira de bebê de frente para os monitores, o painel da câmara de testes exibia dois monitores coloridos afastados um do outro por uma distância de aproximadamente 60 cm equidistantes da linha de visão da criança; foi colocado ainda um alto-falante à meia distância dos dois monitores e acima deste uma lâmpada azul de 25 *watts*, que servia para redirecionar a atenção da criança para o centro do painel, entre a exibição de um par de fotografias e o seguinte. As sessões foram videogravadas.

Todos os testes foram iniciados com os monitores vazios; em seguida, a luz azul piscava de forma a direcionar a atenção da criança para o centro do painel. Como aquecimento, as pesquisadoras utilizaram uma foto de boneca e de um trenzinho durante três segundos, enquanto uma voz de adulto dizia “Olha os brinquedos!”. Esse aquecimento foi feito como estímulo visual; na sequência, os testes da pesquisa foram iniciados. Os pares de fotografias mostrando um adulto do sexo masculino e outro do sexo feminino realizando tarefas idênticas foram exibidos nos dois monitores durante oito segundos, acompanhados por uma voz masculina ou feminina como estímulo auditivo. O intervalo entre a exibição de um par de fotografias e o seguinte era de três segundos. Cada criança foi submetida a um total de 19 testes, sendo um de aquecimento e 18 do experimento; cada um dos nove pares de fotografias foi exibido duas vezes, e a ordem das figuras foi aleatória.

Os resultados da pesquisa confirmaram que as crianças de 24 meses de idade possuem conhecimento das atividades feitas pelos adultos associadas aos gêneros masculinos e femininos. Quando uma fotografia gênero inapropriada de uma atividade feminina (Por ex., um homem passando maquiagem) era observada, crianças de ambos os sexos mostravam-se surpresas e gastavam mais tempo observando essas fotografias do que a alternativa apropriada. As autoras concluíram que crianças de ambos os sexos já haviam aprendido, no segundo ano de vida, o gênero estereótipo de algumas atividades adultas. Entre as primeiras

atividades gênero estereotipadas adultas que fizeram parte do modelo de gênero da criança estão as atividades às quais elas são constantemente expostas em suas casas.

Rodrigues (2003) estudou as questões de gênero na infância. O objetivo da pesquisa foi investigar o fenômeno da segregação de gênero nas crianças pré-escolares em situações de jogos infantis. O estudo contou com a participação de 70 crianças com idades compreendidas entre quatro e seis anos, de dois países, Brasil e Portugal. A investigação foi realizada por três meses no Brasil, no período de março a junho de 1998, num colégio estadual de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e em Portugal, por dois meses, entre setembro e novembro de 1998, num Centro Infantil situado na cidade de Porto. Na coleta de dados, foram feitas observações das crianças relativas a comportamentos de papéis de gênero durante os jogos infantis. Após essa observação, foram selecionadas 19 crianças e aplicadas entrevistas semiestruturadas com as mães e as professoras. Em quatro crianças, dois meninos e duas meninas, foi aplicado o teste HTP (*house, people, tree*), cuja técnica serviu de apoio a algumas dúvidas de comportamentos dessas crianças.

Como resultado de seus estudos, a pesquisadora verificou que nas situações de jogos infantis a redução da tipificação de gênero foi de certa forma significativa, devido ao fator irmão do sexo oposto. A autora enfatizou a necessidade da interação, encorajando a participação cooperativa do sexo oposto em atividades de jogo. O estudo verificou ainda que os conteúdos dos jogos infantis estão fortemente marcados pelos conteúdos culturais e que os papéis que as crianças representam ao jogar são influenciados pelos aspectos culturais a que pertencem.

Silva et al (2006) investigaram os aspectos da diferenciação sexual em brincadeiras de rua com crianças e adolescentes, verificando as diferenças de gênero quanto à participação na rua e à variedade de subcultura lúdica.

Participaram do experimento 668 sujeitos, com idades compreendidas entre um a 18 anos, sendo 423 do sexo masculino e 245 do sexo feminino, todos moradores de três ruas da periferia de Belém. Os pesquisadores observaram durante um ano a predominância dos meninos à segregação e à tipificação sexual nas brincadeiras, além da penetração das meninas na subcultura masculina. Foram colhidos 17379 registros de grupos de crianças/adolescentes brincando na rua, dos quais 13680 foram registros de meninos e 3699 de meninas; este foi o primeiro dado relevante sobre uma ocupação sexualmente diferenciada da rua como um espaço de brincadeira. Os autores puderam verificar em seus estudos que as meninas preferiram os grupos masculinos e mistos, e que a segregação, característica comum nos

grupos de brincadeira, foi expressivamente maior entre os meninos. Os dados indicaram também uma relação entre a idade das crianças e a segregação por grupos de sexo nas brincadeiras: entre as meninas, as brincadeiras em grupos de mesmo gênero tendem a diminuir com o aumento da idade, já entre os meninos a segregação tende a aumentar expressivamente com a idade.

Como resultado de seus estudos, os pesquisadores encontraram diferenças tanto na participação de rua quanto na diversidade das culturas lúdicas. Na participação por sexo observou-se o fenômeno da ocupação da rua como masculinamente dominado, resultando numa menor variedade da subcultura feminina na rua. No que se refere à segregação, os meninos tiveram maior tendência ao fenômeno do que as meninas. Mesmo por trás de uma maior quantidade e diversidade da cultura lúdica masculina na rua, houve pouca homogeneização das brincadeiras, tornando-se significativa a presença das meninas no universo predominantemente masculino, o que torna esse grupo importante referência de socialização para elas.

Gomes (2006) realizou um estudo sobre a construção do feminino e do masculino no processo de cuidar de crianças em uma pré-escola. Participaram da investigação três professoras e aproximadamente 50 crianças de quatro a seis anos de idade. Foram feitas entrevistas semiestruturadas apenas com as professoras, pois, em seus estudos, a pesquisadora verificou que são as agentes sociais que mais interagem com crianças na escola e, presumivelmente, exercem maior influência na formação de hábitos. As observações das professoras com as crianças foram pontuadas em situações predefinidas durante a refeição, banho, escovação dos dentes e atividades lúdicas, entre outras.

A investigação pôde verificar que as professoras agiram aparentemente de forma similar com meninos e meninas, nos diferentes contextos; entretanto, quando submetidas a um olhar mais atento sobre o processo de cuidar de meninos e meninas, diferenças significativas foram constatadas, demonstrando, a partir de suas ações, a interiorização sociocultural do feminino e do masculino. Assim, se com os meninos eram mais permissivas, aceitando as brincadeiras mais arriscadas, inovadoras, espetaculares, com as meninas, vistas como frágeis e delicadas, as professoras eram mais comedidas, na medida em que as vigiavam e as advertiam do perigo.

Como se vê, a pesquisa pôde constatar que os padrões preestabelecidos de masculinidade e feminilidade, bem como a reprodução dessas diferenças, vão sendo incorporadas desde as primeiras etapas do processo educacional, tendo como agravante a

visão estereotipada de professores ao interagirem com as crianças, contribuindo significativamente na reprodução da ordem dos gêneros.

Ribeiro (2006) investigou brincadeiras de meninos e meninas, socialização, sexualidade, gênero entre crianças e a construção social das diferenças, com a finalidade de discutir a relação da construção da sexualidade e identidade de gênero com a socialização infantil, mais especificamente os modelos de feminilidade, presentes em jogos e brincadeiras entre meninos e meninas.

O trabalho de pesquisa se baseou em material etnográfico coletado em trabalho de campo, por meio de observações e entrevistas com um grupo de crianças. Participaram do estudo crianças de sete a 14 anos de uma comunidade da Bahia, de classe média baixa. A análise dos dados contou com reflexões sobre a socialização infantil, gênero e sexualidade na infância e a maneira como as construções sociais se formam na infância. O estudo evidenciou que a partir dos sete anos de idade há nas crianças um maior interesse pela questão sexual, e os familiares começam a se preocupar e a exercer uma grande pressão sobre elas, separando-as por sexo, sobretudo as meninas. Dessa forma, levando em consideração essa mesma incompatibilidade na convivência, as meninas aprendem e reproduzem entre si que o brincar limita-se ao gênero. Por isso, exige-se mais em relação ao comportar-se, como sentar, andar, vestir. Por outro lado, aos meninos é recomendado o distanciamento das meninas, através da pressão social que os estigmatiza.

Portanto, a pesquisa constata que, entre as próprias crianças, ser homem e ser mulher está relacionado não apenas ao aparato anátomo-fisiológico, mas também às concepções sociais aprendidas na família e nas relações sociais em que vivem.

5. OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é investigar as manifestações de identidade de gênero em crianças de 21 a 30 meses de idade sob a influência da presença de outra criança do mesmo sexo ou de sexo diferente. Nesta investigação de identidade de gênero, serão procuradas evidências da existência de um corpo coerente de comportamentos relacionados ao gênero masculino e feminino. A presente pesquisa foi inspirada em um experimento realizado por Le Maner-Idrissi (1996) com crianças francesas de 24 meses de idade.

Le Maner-Idrissi (1996) sugere que, aos 24 meses de idade, a criança possui capacidades cognitivas baseadas em informações relacionadas a questões sexuais, e que nessa idade já demonstram possuir um sistema interno de referência de gênero, comportando-se de acordo com seu gênero típico, como menino ou menina.

Aceita-se nesse estudo a constatação teórico-empírica de existência de um sistema interno de gênero em crianças aos 24 meses de idade. Admite-se que, se um sistema interno de referência de gênero existe em crianças de 21 a 30 meses de idade, comportamentos que dizem respeito ao gênero serão manifestados por essas crianças por meio de escolhas, interações e preferências de objetos diferenciados quanto ao seu caráter de serem ou não considerados apropriados ao gênero masculino ou feminino em uma determinada cultura.

Nosso estudo propõe verificar a hipótese de que, quando em companhia de outra criança, as escolhas de objetos serão influenciadas pelo sexo da criança parceira.

Nossa segunda hipótese refere-se à imitação entre as díades de crianças, isto é, se essa referência de gênero existe entre meninos e meninas, a manifestação de comportamentos imitativos será influenciada pelo gênero da criança parceira.

Tem-se como perguntas da pesquisa:

- Qual a influência do gênero da criança parceira na escolha e na manipulação de objetos?
- Observa-se o efeito do gênero da criança parceira quando se comparam as escolhas que as crianças fazem na companhia de outra do mesmo sexo ou do sexo oposto?

–A preferência pelos objetos se modificará em função da composição de gênero das díades? Como se comportarão díades formadas por meninos? Como se comportarão díades de meninas? Como se comportarão díades mistas?

–Haverá imitações nas escolhas de objetos? Quando as crianças, em díades, imitam mais o parceiro do mesmo gênero do que do gênero oposto?

–Se crianças na primeira infância se reconhecem como menino ou como menina e levam em consideração o sexo do seu parceiro, os números de imitações síncronas, conseqüentemente, diminuem quando sua díade é do sexo oposto?

6. MÉTODO

6.1 Local e participantes

A pesquisa foi realizada no berçário de uma escola privada de educação infantil na zona sul da cidade de São Paulo. A escola tem origem francesa e atinge um público de crianças com nível socioeconômico médio alto.

Para obter a autorização para realização da pesquisa e da videogravação no berçário, foi encaminhado aos pais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A). Também foi feita a solicitação do consentimento informado e aprovação pelo Comitê de Ética.

A coordenadora pedagógica do berçário autorizou a entrada na escola para a realização da pesquisa, solicitando, após o término do estudo, a devolutiva dos resultados junto à equipe de professoras, diretora e pais dos alunos.

Foram critérios de escolha dos participantes:

–Sexo: seis meninos e seis meninas;

–Faixa Etária: crianças com idades compreendidas entre 21 a 30 meses;

–Nível Socioeconômico: as crianças são provenientes de famílias de um mesmo meio sociocultural e econômico médio alto, e estudam na mesma instituição de ensino. As crianças frequentam o berçário, em período semi-integral e integral (manhã e tarde).

Os dados referentes às datas de nascimento das crianças foram fornecidos pela escola, assim como os respectivos horários nos quais seria permitido o acesso e a realização das gravações para coleta de dados. Entre os seis meninos participantes, dois têm irmãos mais velhos, e entre as meninas duas possuem irmãs mais velhas, o restante são filhos únicos.

Após serem selecionadas as crianças participantes que atenderam aos critérios de seleção, procedeu-se à formação das díades por sorteio. As crianças foram distribuídas em três tipos de díades, que ficaram assim constituídas:

–Três díades do gênero masculino;

–Três díades do gênero feminino;

–Seis díades mistas, compostas pelas mesmas crianças das díades do gênero masculino e do gênero feminino.

Na tabela 1 segue a caracterização das crianças participantes da pesquisa. Todos os nomes aqui apresentados são fictícios.

Tabela 1 – Caracterização das crianças participantes da pesquisa quanto a idade e sexo. Também está apresentado o pareamento das díades masculinas, das díades femininas e das díades mistas.

Caracterização das Crianças Participantes quanto ao Sexo e Idade						
Diades Masculinas	Nome	Características	Nome	Características	Nome	Características
	Armando	♂ - 23 meses	Mariano	♂ - 28 meses	Gabriel	♂ - 30 meses
	Rodrigo	♂ - 24 meses	Vicenzo	♂ - 23 meses	Jorge	♂ - 26 meses
Diades Femininas	Nome	Características	Nome	Características	Nome	Características
	Marília	♀ - 23 meses	Georgia	♀ - 24 meses	Valentina	♀ - 21 meses
	Isadora	♀ - 27 meses	Lavinia	♀ - 24 meses	Betina	♀ - 26 meses
Diades Mistas	Nome	Características	Nome	Características	Nome	Características
	Vicenzo	♂ - 23 meses	Mariano	♂ - 28 meses	Rodrigo	♂ - 24 meses
	Betina	♀ - 26 meses	Valentina	♀ - 21 meses	Isadora	♀ - 27 meses
	Nome	Características	Nome	Características	Nome	Características
	Jorge	♂ - 26 meses	Gabriel	♂ - 30 meses	Armando	♂ - 23 meses
	Lavinia	♀ - 24 meses	Marília	♀ - 23 meses	Georgia	♀ - 24 meses

O berçário concedeu uma sala reservada para a realização das gravações, o que favoreceu a não interferência de outras pessoas no experimento. Todas as coletas de dados foram realizadas na mesma sala, que era familiar às crianças, conhecida como sala de estimulação.



Figura 1. Sala do Berçário

6.2 Procedimentos

Utilizamos como procedimento de coleta de dados a observação de díades de crianças em situação de escolha de brinquedos.

Os objetos foram previamente escolhidos, e essa escolha será relatada de maneira minuciosa no item “Materiais”. Todos os objetos foram disponibilizados em dobro para as crianças, de modo que cada criança pudesse escolher à vontade o objeto de sua preferência.

O registro das observações foi realizado por meio de gravação em vídeo, e todas as manipulações dos objetos, medidas em segundos.

O tempo utilizado para a coleta de dados com as crianças foi de aproximadamente cinco minutos iniciais para que se familiarizarem com os objetos; 20 minutos de videogravação, e em média 10 minutos de finalização das brincadeiras. Foram analisados apenas os 20 minutos da gravação em vídeo.

A opção por separar em díades na dinâmica do experimento foi uma forma de podermos comparar o comportamento das crianças quando se encontravam tanto com outras crianças do mesmo sexo quanto com crianças do sexo oposto.

6.2.1 Procedimento da coleta de dados

Em cada sessão da coleta de dados, foi criada uma situação experimental, na qual uma díade de criança por vez foi colocada na sala do experimento.

Foram realizados dois tipos de coleta de dados: seis sessões com díades de crianças do mesmo gênero (três com díades masculinas e três com díades femininas) e seis sessões com as mesmas crianças formando díades mistas.

A separação das crianças por díades do mesmo gênero e por díades mistas foi uma tentativa de sabermos se, na idade de 21 a 30 meses, a criança adota atitudes diferentes em função do sexo do parceiro.

Em cada uma das sessões, a pesquisadora convidava uma díade por vez, conduzindo-a a uma sala reservada e familiar para as crianças (sala de estimulação) no berçário. A professora do berçário não permaneceu na sala, mas estava sempre por perto para, se

necessário, acalmar as crianças. Em todos os experimentos, apenas a pesquisadora e a díade ficavam na sala; as crianças ficaram tranquilas e não estranharam a situação, sala ou pesquisadora.

A filmadora foi colocada pela própria pesquisadora na sala, num lugar estratégico para visualizar e registrar toda a sessão. Não houve interferência em nenhuma das sessões.

Na primeira sessão de coleta de dados, foram formadas três díades masculinas e três díades femininas. Uma díade por vez era conduzida à sala do experimento, onde se encontravam os brinquedos. A pesquisadora propunha as categorias de objetos do gênero masculino e objetos do gênero feminino, dando cinco minutos para as crianças se familiarizarem com os brinquedos, 20 minutos de videogravação e mais 10 minutos para finalizarem a brincadeira, conforme já mencionado.

O intervalo de uma semana foi necessário para a segunda sessão da coleta de dados, pois, embora utilizássemos as mesmas crianças, os mesmos objetos e a mesma situação experimental, a segunda sessão seria com díades mistas, ou seja, teria como composição dos pares um menino e uma menina.

Na segunda sessão de coleta de dados, as díades foram levadas para a sala experimental, onde se encontravam os mesmos objetos do gênero masculino e do gênero feminino da primeira sessão da coleta de dados. A pesquisadora convidava as crianças a brincar com o material apresentado a elas. Após cinco minutos de familiarização com os objetos, iniciou-se a videogravação por 20 minutos.

Para avaliação das interações, foram observadas as imitações das crianças entre as díades do mesmo gênero e entre as díades mistas. Foi contado o tempo em que as díades manipulavam o mesmo objeto simultaneamente. De forma similar, foram observados os objetos que mediavam a imitação.

Portanto, foram observadas as escolhas dos objetos, o tempo de manipulação de cada objeto e a interação (imitação) entre as díades de crianças.

6.2.2 Materiais

Os materiais utilizados para o experimento foram escolhidos com base nos experimentos de Le Maner-Idrissi (1996); Le Maner-Idrissi, Levêque e Massa (2002) e Pascoto (2006), conforme será relatado a seguir.

Os objetos utilizados na presente pesquisa foram: Soldadinho, Caminhão, Jogo de Ferramentas, Bijuteria, Boneca e Jogo de Cozinha. Nas duas sessões, as categorias de objetos foram apresentadas sempre em dobro para as crianças (por exemplo: duas bonecas, dois caminhões).

Quanto à escolha dos objetos para a pesquisa, fizemos, para reiterar e testar a adequação dos objetos, um novo levantamento junto a um grupo de adultos, aos quais solicitamos que categorizassem o gênero aos objetos, isto é, deveriam classificá-los como: a) “apropriados” para meninos; b) “apropriados” para meninas; c) “apropriados” para ambos.

Foi construída inicialmente uma listagem com 18 objetos, tendo como base as observações de Zamberlan (1986, p. 101), e itens utilizados na pesquisa de Le Maner-Idrissi (1996), Le Maner-Idrissi, Levêque e Massa (2002) e Pascoto (2006). A saber: Avião, Bola, Boneca, Bijuteria, Caminhão, Carrinho, Carrinho de boneca, Cosmético, Fazendinha, Jogo de chá, Jogo de cozinha, Jogo de ferramentas, Playmobil, Quebra-cabeça, Soldadinho, Telefone, Trem e Ursinho.

A lista de objetos foi apresentada a 50 pessoas, todos graduados, graduandos, pós-graduandos e pós-graduados, com idades compreendidas entre 18 e 51 anos. Para cada adulto foi entregue uma folha que já continha as instruções a serem dadas, que consistiam em assinalar os objetos considerados culturalmente apropriados ao gênero masculino, ao gênero feminino e a ambos os gêneros. Em Anexo B consta a tabela utilizada para classificação dos objetos.

O resultado das escolhas se encontra na Tabela 2, abaixo.

Tabela 2 – Síntese das respostas fornecidas pelos 50 entrevistados:

Brinquedos	Masculino	Feminino	Neutro	Não sabe	Total
Avião	28	-	22	-	50
Bola	10	-	40	-	50
Boneca	-	45	05	-	50
Bijuterias	-	49	01	-	50
Caminhão	37	-	13	-	50
Carrinho	31	-	19	-	50
Carrinho de boneca	-	43	07	-	50
Cosmético	-	47	03	-	50
Fazendinha	02	01	44	03	50
Jogo de chá	-	39	11	-	50
Jogo de cozinha	-	38	12	-	50
Jogo de ferramentas	33	-	16	01	50
Playmobil	03	-	45	02	50
Quebra-cabeça	-	-	50	-	50
Soldadinhos	38	-	12	-	50
Telefone	-	02	48	-	50
Trem	14	-	36	-	50
Ursinho	01	11	38	-	50

6.2.2.1 Materiais selecionados para a pesquisa

De acordo com o resultado obtido no levantamento realizado, o objeto mencionado com maior frequência pelos entrevistados como apropriado para o gênero masculino é o Soldadinho (n=38), o Caminhão (n=37) e o Jogo de Ferramentas (n=33), esses objetos foram escolhidos para o experimento.

Para o gênero feminino, os objetos mais vezes mencionados pelos entrevistados como apropriado para as meninas são as Bijuteria (n=49), o Cosmético (n=47) e a Boneca (n=45).

Após analisar tais escolhas, decidimos substituir o objeto feminino Cosmético pelo Jogo de Cozinha. A justificativa para essa substituição é que o Cosmético poderia causar problemas de manipulação durante a pesquisa e que isso poderia dificultar a coleta de dados. Seguindo a tabela de escolhas, também não optamos pela escolha do Carrinho de Boneca, pois percebemos que seria apenas mais um acessório para Boneca, e que a criança acabaria ficando sem opção de escolha. O Jogo de Chá também foi descartado por conter muitas peças pequenas, e os sujeitos da pesquisa são muito novos. O Cosmético foi então substituído pelo item seguinte da votação, o Jogo de Cozinha.

Portanto, o resultado do levantamento levou à escolha dos seguintes objetos utilizados no estudo:

Objetos considerados apropriados para meninos:



Figura 2. Soldadinho



Figura 3. Caminhão



Figura 4. Jogo de Ferramentas

Objetos considerados apropriados para meninas:



Figura 5. Bijuteria



Figura 6. Boneca



Figura 7. Jogo de Cozinha

As duas categorias de objetos – masculino e feminino – seguiram o mesmo padrão de tamanho, de modo que essa variável não interferisse nas escolhas das crianças. Os três objetos do gênero masculino e os três objetos do gênero feminino foram disponibilizados para as díades em dobro.

Os objetos na coleta de dados foram distribuídos da seguinte maneira:



Figura 8. Distribuição dos Objetos

6.3 Procedimento de análise

Os dados foram coletados durante todo o mês de março de 2010, por meio de videogravação, para a qual foi utilizada uma filmadora digital, durante 20 minutos para cada

Para o tratamento estatístico dos dados utilizou-se o programa SPSS com a aplicação do teste T de Student. A margem de erro aceita nesta pesquisa foi de $p < 0,05$. Neste estudo foram feitas duas análises:

1. Teste de comparação de médias para amostras independentes (T de Student) para comparar meninos e meninas quanto ao tempo gasto com objetos masculinos e femininos.

2. Teste de comparação de médias para amostras dependentes (T de Student) para comparar o tempo gasto por meninos na manipulação de objetos masculinos e femininos e tempo gasto por meninas na manipulação de objetos masculinos e femininos.

A unidade de tempo utilizada como medida para a manipulação dos objetos (masculino/feminino) foi de segundos.

Os indicadores analisados foram:

–A escolha dos objetos (masculinos e femininos).

–O tempo de manipulação dos objetos.

–A interação sob forma de imitação na escolha dos mesmos objetos, por crianças das díades do mesmo gênero e por crianças das díades mistas.

Para a avaliação da imitação pelas crianças das díades, o indicador escolhido foi o da imitação direta, por se constituir um meio de comunicação comum nessa idade. O tempo de manipulação com imitação foi marcado quando a díade manipulava, simultaneamente, o mesmo tipo de objeto.

7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em duas partes:

1. Escolha e tempo de manipulação de objetos em díades de crianças do mesmo gênero e mistas.
2. Interação entre as crianças parceiras em díades do mesmo gênero e mistas, sob a forma de imitação.

7.1 Escolha e tempo de manipulação dos brinquedos

Escolha dos brinquedos – A nossa primeira hipótese, acerca da escolha dos brinquedos, foi focada na influência do gênero da criança parceira sobre as escolhas de objetos considerados culturalmente apropriados. Assim, é esperado que as escolhas dos meninos, assim como as escolhas das meninas, variem em função do gênero da criança parceira.

Uma análise dos comportamentos de escolha e manipulação por categoria de objetos masculinos e objetos femininos nos permitiu avaliar essa hipótese tanto para meninos quanto para meninas, quando se encontravam em díades masculinas, díades femininas e em díades mistas.

7.1.1 Díades do mesmo gênero

Na Tabela 5 estão apresentados os resultados obtidos quanto à escolha e ao tempo de manipulação dos objetos calculado em segundos.

A categoria *objetos masculinos* reúne as escolhas dos três brinquedos considerados culturalmente apropriados para meninos: Caminhão, Soldadinho e Jogo de Ferramentas. A categoria *objetos femininos* reúne escolhas dirigidas aos três brinquedos utilizados na pesquisa, considerados culturalmente apropriados para meninas: Bijuteria, Boneca e Jogo de Cozinha. Os nomes das crianças são fictícios.

Na sequência segue a Tabela 6, na qual constam os dados da comparação entre meninos e meninas quanto ao tempo de manipulação dos objetos considerados masculinos e o tempo de manipulação dos objetos considerados femininos. Como se sabe, foi feito o teste estatístico T de Student para amostras independentes.

Na Tabela 7 encontram-se os dados estatísticos do teste T de Student para amostras dependentes, em que compara o tempo de manipulação de objetos considerados masculinos e objetos considerados femininos, por meninos e por meninas.

Tabela 5 – Tempo de manipulação de objeto escolhido, considerado em segundos, por categoria, para Díades Masculinas (Armando x Rodrigo, Mariano x Vincenzo, Gabriel x Jorge) e Díades Femininas (Marília x Isadora, Georgia x Lavínia, Valentina x Betina). Tempo total analisado: 1200 segundos.

		Díades do Mesmo Gênero	
		Tempo de Manipulação de Objeto em Segundos	
Nome	Gênero da Criança	Objetos Masculinos	Objetos Femininos
Armando	Masculino	0852	0347
Rodrigo	Masculino	0176	1024
Mariano	Masculino	0677	0522
Vicenzo	Masculino	0980	0219
Gabriel	Masculino	0896	0303
Jorge	Masculino	0656	0543
Subtotal Masculino		4237	2958
Marilia	Feminino	0331	0584
Isadora	Feminino	0345	0855
Georgia	Feminino	0226	0963
Lavínia	Feminino	0119	1081
Valentina	Feminino	0081	1118
Betina	Feminino	0179	1020
Subtotal Feminino		1281	5621
Total		5518	8579

Tabela 6 – Amostras Independentes para Díades do mesmo Gênero. (Tempo de manipulação de objetos masculinos e de objetos femininos entre meninos e meninas).

Manipulações de Objetos	Díades ♂ (Meninos)			Díades ♀ (Meninas)			t _e	P
	%	Média	DP	%	Média	DP		
Objetos Masculinos	58,9%	706,2	288,7	18,6%	213,5	108,6	3,913	0,002
Objetos Femininos	41,1%	493,0	289,1	81,4%	936,8	196,2	-3,112	0,006

Tabela 7 – Amostras Dependentes para Díades do mesmo Gênero. (Tempo de manipulação de objetos *masculinos* e *femininos* por meninos e tempo de manipulação de objetos *masculinos* e *femininos* por meninas).

Díades ♂ (Meninos)			t ₀	P	Díades ♀ (Meninas)			t ₀	P
Média	DP	Erro Padrão			Média	DP	Erro Padrão		
213,2	577,8	235,9	0,9	0,204	-723,3	295,3	120,6	-6,0	0,000

Os meninos em díades do mesmo gênero manipularam mais objetos culturalmente apropriados para o gênero masculino do que as meninas em díades femininas. Já as meninas em díades femininas manipularam por mais tempo objetos culturalmente apropriado ao gênero feminino do que os meninos.

De acordo com o teste T de Student para amostras independentes (Tabela 6), as escolhas dos meninos por objetos masculinos foram significativamente mais frequentes do que das meninas ($t=3,913$; $p < 0,002$). Por outro lado, as escolhas e o tempo de manipulação das meninas por objetos femininos foram significativamente maiores que os dos meninos ($t=-3,112$; $p < 0,006$).

Os meninos ficaram 4237 segundos (58,9%) do tempo manipulando objetos masculinos e 2958 segundos (41,1%) manipulando objetos femininos (Tabelas 5 e 6). Quando comparamos a média de manipulações de objetos masculinos (Caminhão, Soldadinho e Jogo de Ferramentas) dos meninos com o tempo das manipulações de objetos femininos (Bijuteria, Boneca, Jogo de Cozinha), verificamos que a média do tempo utilizado pelos meninos para objetos masculinos foi maior que para objetos femininos. Segundo o teste T de Student para amostras dependentes (Tabela 7), essa diferença não é estatisticamente significativa, porque $t=0,9$; $p > 0,204$.

As meninas, assim como os meninos, também escolheram objetos apropriados ao seu gênero (Bijuteria, Boneca, Jogo de Cozinha) quando se encontravam em díades femininas. Manipularam 5621 segundos (81,4%) objetos femininos e 1281 segundos (19%) objetos masculinos (Tabelas 5 e 6). Se compararmos a média de manipulação das meninas para objetos femininos com o tempo de manipulação para objetos masculinos, a média do tempo utilizado para objetos femininos foi maior do que para objetos masculinos. De acordo com o teste T de Student para amostras dependentes (Tabela 7), essa diferença é estatisticamente muito significativa, porque $t=-6,0$; $p < 0,000$.

Dessa forma, verificamos que, em díades do mesmo gênero, os meninos manipularam por mais tempo objetos culturalmente apropriados ao sexo masculino e as meninas, objetos culturalmente apropriados ao sexo feminino.

7.1.2 Díades mistas

Na Tabela 8 está especificado em segundos, por categorias masculinas e femininas, o tempo de manipulação para meninos e para meninas dos objetos escolhidos, quando as crianças se encontravam em díades mistas.

Na sequência segue a Tabela 9, apresentando as possíveis diferenças entre meninos e meninas no que se refere ao tempo de manipulação do objeto escolhido. O teste T de Student compara as médias para amostras independentes.

Na Tabela 10 o teste T de Student compara as médias de amostras dependentes para meninos com objetos masculinos e femininos e para meninas com objetos masculinos e femininos, respectivamente.

Tabela 8. Tempo de manipulação de objeto escolhido, considerado em segundos, por categoria, para meninos e meninas em Díades Mistadas (Vicenzo x Betina, Mariano x Valentina, Rodrigo x Isadora, Jorge x Lavínia, Gabriel x Marília, Armando x Georgia). Tempo total analisado: 1200 segundos.

		Díades Mistadas	
		Tempo de Manipulação de Objeto em Segundos	
Nome	Gênero da Criança	Objetos Masculinos	Objetos Femininos
Armando	Masculino	0501	0612
Rodrigo	Masculino	0591	0608
Mariano	Masculino	0701	0498
Vicenzo	Masculino	0251	0948
Gabriel	Masculino	0812	0353
Jorge	Masculino	0666	0533
Subtotal Masculino		3522	3552
Marilia	Feminino	0117	1082
Isadora	Feminino	0158	0931
Georgia	Feminino	0482	0640
Lavínia	Feminino	0591	0608
Valentina	Feminino	0437	0763
Betina	Feminino	0031	1168
Subtotal Feminino		1816	5192
Total		5338	8744

Tabela 9 – Amostras Independentes para Díades Mistas. (Tempo de manipulação de objetos *masculinos* e de objetos *femininos* entre meninos e meninas).

Manipulações de Objetos	Meninos			Meninas			t ₀	P
	%	Média	DP	%	Média	DP		
Objetos Masculinos	49,8%	587,0	195,0	25,9%	302,7	229,1	2,315	0,022
Objetos Femininos	50,2%	592,0	198,4	74,1%	865,3	232,5	-2,190	0,027

Tabela 10 – Amostras Dependentes para Díades Mistas. (Tempo de manipulação de objetos *masculinos* e *femininos* por meninos e tempo de manipulação de objetos *masculinos* e *femininos* por meninas).

Meninos			t ₀	P	Meninas			t ₀	P
Média	DP	Erro Padrão			Média	DP	Erro Padrão		
-5,0	391,9	160,0	-0,03	0,488	-562,7	459,0	187,4	-3,00	0,015

Nas díades mistas, o tempo de manipulação (3522 segundos) dos meninos por objetos masculinos foi maior que o das meninas por objetos referentes ao gênero feminino. Já as escolhas das meninas por objetos femininos (5192 segundos) foram superiores às dos meninos por objetos masculinos (Tabela 8).

Conforme a comparação de amostras independentes para meninos e meninas (Tabela 9), as escolhas dos meninos por objetos masculinos quando se encontravam em díades mistas foram significativamente maiores em relação às meninas ($t = 2,315$; $p < 0,022$). Em contrapartida, as escolhas das meninas em relação aos objetos femininos foram significativamente maiores em relação aos meninos ($t = -2,190$; $p < 0,027$).

Os meninos, quando em díades mistas, apresentaram padrões de comportamento diferentes do que quando estavam em díades do mesmo gênero, segundo a comparação de médias para amostras dependentes (Tabela 10), ou seja, quando em companhia de uma menina, brincaram de maneira significativa tanto com objetos masculinos quanto com objetos femininos, manipulando as duas categorias de objetos com a mesma frequência, embora tal diferença não seja estatisticamente significativa ($t = -0,03$; $p > 0,488$).

As meninas manipularam mais objetos femininos do que objetos masculinos quando se encontravam em díades mistas. Segundo a comparação de amostras dependentes, essa diferença é estatisticamente significativa ($t = -3,0$; $p < 0,015$).

Portanto, os meninos, em díades mistas, manipularam tanto objetos masculinos quanto objetos femininos, não havendo uma diferença significativa entre os dois objetos (masculino e

feminino). As meninas, em díades mistas, escolheram mais objetos culturalmente apropriados ao gênero feminino do que ao gênero masculino.

7.2 Imitação na escolha dos objetos

7.2.1 Díades do mesmo gênero – imitação

Imitação – A nossa segunda hipótese diz respeito a comportamentos imitativos. Se crianças com idades compreendidas entre 21 a 30 meses, se reconhecem como menino ou como menina, as manifestações de comportamentos imitativos serão influenciadas pelo gênero da criança parceira.

Para avaliarmos essa hipótese, fizemos nossa análise diante das observações das díades de crianças do mesmo gênero e mistas, em situação experimental de manipulação de objetos do gênero masculino e do gênero feminino, mais especificamente quando a díade manipulava o mesmo objeto.

Na Tabela 11 foi analisado, em díades do mesmo gênero, o tempo de imitações síncronas para objetos masculinos e para objetos femininos. O objeto foi definido como categoria que mediou as interações entre as díades.

Na Tabela 12 o teste estatístico T de Student para amostras independentes comparou as médias e o tempo de manipulação dos mesmos objetos masculinos e femininos entre meninos e meninas.

Na sequência, a Tabela 13, o teste estatístico T de Student para amostras dependentes comparou o tempo de manipulações do mesmo objeto, realizadas por meninos e por meninas.

Tabela 11 – Tempo de manipulação do mesmo objeto, calculadas em segundos, para Díades Masculinas (Armando x Rodrigo, Mariano x Vincenzo, Gabriel x Jorge) e Díades Femininas (Marília x Isadora, Georgia x Lavínia, Valentina x Betina), por categoria de objetos. Tempo total analisado: 1200 segundos.

		Díades do Mesmo Gênero	
		Tempo de Manipulação do Mesmo Objeto em Segundos	
Nome	Gênero da Criança	Objetos Masculinos	Objetos Femininos
Armando	Masculino	0123	0254
Rodrigo	Masculino	0123	0254
Mariano	Masculino	0512	0154
Vicenzo	Masculino	0512	0154
Gabriel	Masculino	0124	0112
Jorge	Masculino	0124	0112
Subtotal Masculino		1518	1040
Marilia	Feminino	0224	0297
Isadora	Feminino	0224	0297
Georgia	Feminino	0000	0555
Lavínia	Feminino	0000	0555
Valentina	Feminino	0008	0436
Betina	Feminino	0008	0436
Subtotal Feminino		0464	2576
Total		1982	3616

Tabela 12 – Amostras Independentes para Díades do mesmo Gênero. (Tempo de manipulação dos mesmos objetos *masculinos e femininos* entre meninos e meninas).

Manipulações Mesmo Objeto	Díades ♂ (Meninos)			Díades ♀ (Meninas)			t _o	P
	%	Média	DP	%	Média	DP		
Objetos Masculinos	59%	253,0	220,6	15%	77,3	113,7	1,87	0,046
Objetos Femininos	41%	173,3	65,2	85%	429,3	115,5	-4,70	0,000

Tabela 13. Amostras Dependentes para Díades do mesmo Gênero. (Tempo de manipulação dos mesmos objetos *masculinos e femininos* por meninos e tempo de manipulação dos mesmos objetos *masculinos e femininos* por meninas).

Díades ♂ (Meninos)			t _o	P	Díades ♀ (Meninas)			t _o	P
Média	DP	Erro Padrão			Média	DP	Erro Padrão		
79,7	224,9	91,8	0,87	0,213	-352	223,5	91,2	-3,9	0,006

Nas manipulações do mesmo objeto, as díades masculinas imitaram por mais tempo objetos referentes ao gênero masculino, ficaram 1518 segundos manipulando brinquedos referentes ao seu gênero e 1040 segundos manipulando objetos referentes ao gênero feminino. As díades femininas, em situação de manipulação do mesmo objeto, isto é, de imitação, manipularam mais objetos referentes ao gênero feminino do que objetos do gênero masculino.

Imitaram a criança parceira durante 2576 segundos no comportamento de manipular objetos femininos e 464 segundos em objetos masculinos (Tabela 11).

Quando se trata de objetos masculinos, as médias estatísticas (Tabela 12) mostraram que os meninos imitam mais a díade masculina do que as meninas imitam a díade feminina, com uma diferença estatisticamente significativa ($t= 1,87$; $p < 0,046$). Em se tratando objetos femininos, as meninas imitam mais as díades femininas do que os meninos imitam as díades masculinas, e essa diferença é estatisticamente muito significativa ($t=-4,70$; $p < 0,000$).

No que se refere à comparação para amostras dependentes (Tabela 13), em díades do mesmo gênero, os meninos imitam mais a sua díade com objetos masculinos, mas essa diferença não é estatisticamente significativa, porque $t=0,87$; $p > 0,213$. Já as meninas, em díades do mesmo gênero, imitam mais frequentemente a sua díade com objetos femininos, com uma diferença estatisticamente significativa ($t=-3,9$; $p < 0,006$).

Portanto, meninas e meninos, em díades do mesmo gênero, demonstraram o comportamento de imitar o parceiro com objetos referentes ao seu gênero típico, ou seja, meninos imitaram mais a sua díade com objetos referente ao gênero masculino e meninas imitaram mais a sua parceira com objetos referentes ao gênero feminino.

7.2.2 Díades mistas – imitação

Na Tabela 14 se encontra especificado o tempo de manipulação do mesmo objeto do gênero masculino e do gênero feminino, calculado em segundos, para meninos e para meninas em díades mistas, ou seja, quando as duas crianças parceiras escolhem, simultaneamente, o mesmo objeto.

Na sequência, a Tabela 15 apresenta a média estatística do teste T de Student para amostras dependentes. Já a Tabela 16 nos revela a média de manipulações do mesmo objeto (masculino e feminino) para amostras dependentes, realizadas por meninos e por meninas.

Tabela14 – Tempo de manipulação do mesmo objeto, calculado em segundos, para meninos e meninas em Díades Mistas (Vicenzo x Betina, Mariano x Valentina, Rodrigo x Isadora, Jorge x Lavínia, Gabriel x Marília, Armando x Georgia), por categorias de objetos. Tempo total analisado: 1200 segundos.

		Díades Mistas	
		Tempo de Manipulação do Mesmo Objeto	
Nome	Gênero da Criança	Objeto Masculino	Objeto Feminino
Armando	Masculino	0115	0400
Rodrigo	Masculino	0176	0340
Mariano	Masculino	0060	0397
Vicenzo	Masculino	0031	0304
Gabriel	Masculino	0079	0084
Jorge	Masculino	0073	0256
Subtotal Masculino		0534	1781
Marilia	Feminino	0073	0256
Isadora	Feminino	0115	0400
Georgia	Feminino	0079	0084
Lavínia	Feminino	0176	0340
Valentina	Feminino	0060	0397
Betina	Feminino	0031	0304
Subtotal Feminino		0534	1781
Total		1068	3562

Tabela 15 – Amostras Dependentes para Díades Mistas. (Tempo de manipulação do mesmo objeto *masculino* e *feminino* para meninos e meninas).

Manipulações Mesmo Objeto	Meninos e Meninas			to	P
	%	Média	DP		
Objeto Masculino	23%	89	48,3	-6,36	0,000
Objeto Feminino	76%	296,8	112,5		

Tabela 16 – Amostras Dependentes para Díades Mistas. (Tempo de manipulação do mesmo objeto *masculino* e *feminino* por meninos e tempo de manipulação do mesmo objeto *masculino* e *feminino* por meninas).

Manipulações Mesmo Objeto	Média	DP	Erro Padrão	to	P
Meninos e Meninas	-208	118,8	48,5	-4,29	0,004

Nas díades mistas, meninos e meninas manipularam 534 segundos o mesmo objeto masculino e 1781 segundos o mesmo objeto feminino (Tabela14). Como se percebe, a escolha de objetos femininos é mais imitada do que a escolha de objetos masculinos.

Os meninos, em díades mistas, imitam mais frequentemente com a utilização de objetos femininos do que com a utilização de objetos masculinos. Já as meninas, em

companhia de um menino, mantêm os comportamentos imitativos com objetos referentes ao gênero feminino. Portanto, a média de imitação e manipulação em díades mistas para objetos masculinos foi de 89,0; enquanto a de objetos femininos, 296,8 (Tabela15). Essa diferença é estatisticamente muito significativa, pois $t=-6,36$; $p < 0,000$.

Em manipulações do mesmo objeto, as díades mistas imitaram por mais tempo utilizando objetos femininos do que usando objetos masculinos ($t=-4,29$; $p < 0,004$).

Portanto, equivale afirmar que, quando meninos e meninas em díades mistas se encontram em situação de imitar-se na manipulação de objetos apropriados ao gênero masculino ou ao gênero feminino e são convidados a escolher e manipular esses objetos, as imitações ocorrem com objetos femininos, ou seja, a escolha de objetos femininos é mais imitada do que a escolha de objetos considerados masculinos; em outras palavras, os meninos tendem a imitar mais as meninas do que as meninas a imitar os meninos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados encontrados no presente estudo, podemos responder às perguntas formuladas.

Existe certa influência do gênero da criança parceira nas escolhas e nas manipulações de objetos culturalmente apropriados ao gênero masculino e ao gênero feminino. A preferência pelos objetos se modificou em decorrência da composição das díades.

Em díades do mesmo gênero, as crianças tiveram comportamentos peculiares ao seu gênero, considerando-se a cultura a que pertencem. As díades de meninos demonstraram maior preferência por objetos considerados apropriados ao gênero masculino e as díades de meninas maiores escolhas e preferências por objetos considerados apropriados ao gênero feminino.

Com relação às díades mistas, formadas por meninos e meninas, os meninos tenderam a escolher mais objetos femininos do que o fizeram quando na companhia de outro menino, o que demonstra certa influência das meninas em suas escolhas. No entanto, as meninas, em companhia de um menino, tiveram o mesmo comportamento observado quando em díades do mesmo gênero; portanto, mantiveram o mesmo padrão de escolhas observadas quando na companhia de outra menina.

Pode-se afirmar que os resultados sugeriram que nos meninos há maior influência do gênero da criança parceira – da parceira do sexo feminino – nas escolhas e nas manipulações de objetos.

Quanto à imitação, nossa segunda hipótese de pesquisa, os resultados mostraram que o tempo usado em imitar a escolha de objeto feito pela criança parceira foi influenciado nos meninos pela composição de sua díade, ou seja, quando na companhia de outro menino, imitaram mais frequentemente com objetos masculinos, mas quando na companhia de uma menina imitaram mais com objetos femininos. As meninas, no entanto, não imitaram os meninos quando em díades mistas, ou seja, mantiveram sua preferência por objetos considerados apropriados ao gênero feminino.

Diante dessas diferenças entre meninos e meninas, no que se refere à influência do gênero do parceiro nas escolhas e nas manipulações de objetos, algumas hipóteses explicativas podem ser sustentadas de acordo com Le Maner-Idrissi (p. 309, 1996), quanto ao

comportamento das meninas. No que se refere ao desenvolvimento, as meninas, em sua maioria, adquirem linguagem mais cedo e possuem mais habilidade social. Com mais habilidade social, o sexo feminino consegue impor suas próprias escolhas ao sexo masculino, constituindo, conseqüentemente, um sistema interno de gênero mais cedo do que os meninos, visto que estes acumulam informação mais lentamente que as meninas, adquirindo, portanto, esse sistema sempre depois do gênero feminino.

Outro fato relevante é que meninos nessa faixa etária ainda mantêm uma relação muito próxima com a figura materna. Essa relação pode ser responsável pela grande aceitação no que diz respeito a meninas e ao mundo feminino, simbolizado nesta pesquisa por objetos (Le Maner-Idrissi, 1996).

De acordo com uma abordagem teórica de modelo cognitivo, pode-se admitir que, a partir do segundo ano de vida, a criança começa a ter conhecimentos de natureza gênero-estereótipo de atividades masculinas e femininas (Serbin, Poulin-Dubois & Eichstedt, 2002). Em nosso estudo, os objetos masculinos e os objetos femininos, manipulados pelas crianças, representam essas associações e corroboram tais estudos.

Pode-se dizer, nesse sentido, que nossa pesquisa confirmou o que estudos conduzidos anteriormente com crianças na faixa etária entre 16 e 24 meses já haviam sinalizado, isto é, que as crianças nos primeiros anos de vida possuem uma referência de identidade de gênero, haja vista conseguirem identificar e manipular os objetos culturalmente apropriados ao gênero masculino e objetos culturalmente apropriados ao gênero feminino (Le Maner-Idrissi, 1996, 1997; Le Maner-Idrissi, Levêque & Massa 2002; Pascoto, 2004). Nossos resultados indicaram, apenas nas meninas, uma relação mais intensa delas com objetos femininos do que os meninos com objetos masculinos. Revelaram ainda, agora em meninos, um menor grau de estereotipia em relação à manipulação de objetos considerados apropriados ao gênero feminino do que as meninas em relação aos objetos considerados apropriados ao gênero masculino. Esses resultados dão sustentação aos resultados a que chegaram as pesquisas mencionadas anteriormente.

Conclui-se, portanto, que, com relação ao objetivo proposto em nossa pesquisa, os resultados mostram que meninos e meninas, entre 21 e 30 meses de idade, fazem escolhas de brinquedos considerados culturalmente apropriados ao seu sexo e são influenciados pelo gênero da criança parceira. Verificou-se também que o comportamento dos meninos diante de objetos generificados parece ser mais influenciado pelo parceiro de gênero diferente, quando comparado ao comportamento mostrado pelas meninas.

Estudos posteriores são necessários para maior compreensão e explicação dessa importante questão que tem várias implicações para a educação das crianças nos primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

- Baldwin, A. L. (1973). *Teorias de desenvolvimento da criança*. (D. M. Leite, trad.). São Paulo: Editora Pioneira.
- Bandura, A. (1962). Social learning through imitation. In M. R. Jones (Ed.) *Nebraska Symposium on Motivation*, Lincoln, Nebraska: Nebraska University Press, vol. 10, p. 211-274.
- Bandura, A et al. (2008). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Beraldo, K. E. A. (1993). *Gênero de brincadeiras na percepção de crianças de 0 a 5 anos*. São Paulo: Editora IPUSP.
- Biaggio, Angela Maria Brasil (2002). *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral*. São Paulo: Editora Moderna.
- Bichara, I. D. (2001). *Brincadeiras de meninos e meninas: segregação e estereotipia em episódios de faz-de-conta*. Temas em Psicologia da SBP, v. 9, n.1, 19-28.
- Beauvoir, S. (1973). *The second sex*. Nova Iorque: Vintage Press.
- Bomtempo, E. (2003). A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, T. M. (org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Editora Cortez.
- Brougère, G. (2004). *Brinquedos e Companhia*. São Paulo: Editora Cortez.
- Brougère, G. (1995). *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Editora Cortez.
- Conti, L. D. & Sperb, T. P (2001). *O brinquedo de pré-escolares: um espaço de ressignificação cultural*. Psicólogo: Teoria e Pesquisa, v.17 n.1, (pp. 59-67).
- Cunha, E. M. de A. (2008). *Identidade de gênero em situação de brinquedo: um estudo com crianças pré-escolares*. Dissertação de Mestrado, Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- D' Amorim, M. A. (1989). Papel de gênero e atitudes acerca da sexualidade. In Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 5, n.1, (pp. 71-83).
- Gomes, V. L. de O. (2006). *A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas*. Enfermagem: Texto e Contexto. [online]. 2006, v.15, n.1,(pp. 35-42).
- Kishimoto, T. M. (2003). O jogo e a educação infantil. In: Kishimoto, T. M. (org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (pp. 13-43). São Paulo: Editora Cortez.
- Kohlberg, L. (1966). A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In: Maccoby, E.E. (Ed.) *The development of sex differences* (pp. 82-172). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Le Maner-Idrissi, G. (1996). An internal gender system at 24 months. In *European Journal of Psychology of Educacion*, vol 11, n.3, (pp. 301-312), ISPA.
- Le Maner-Idrissi, G. (1997). *L'identité sexuée*. Paris: Dunod.

- Le Maner-Idrissi, G. (2001). Adhésion aux r les sexués   24 mois. In *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, vol 14, n.2, (pp. 57-74).
- Le Maner-Idrissi, G., Levêque, A. e Massa, J. (2002). Manifestations précoces de l'identité sexuelle. In *L'orientation scolaire et professionnelle*, vol. 31, n. 4, (pp. 507-522).
- Le Maner-Idrissi, G., Barbu & Maluf, M. R. (2004). A constru o da identidade sexual durante os primeiros anos de vida. In: Maluf, M.R. (eds). *Psicologia educacional: questões contemporâneas* (pp. 13-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lewis, C., Scully, D., Condor, S. (1992). Sex stereotyping of infants: a re-examination. In *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 10, (pp. 50-63).
- Louro, G. (1996). Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes, M., Meyer, D., Waldow, V. (eds). *Gênero & saúde*, (pp. 7-18). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Meehan, A. M. e Janik, L. M. (1990). Illusory correlation and the maintenance of sex role stereotypes in children. In *Sex Roles*, vol 22, n.1/2, (pp. 83-95).
- Morais, M. L. S. & Otta, E. (2003). Entre a serra e o mar. In A. M. A. Carvalho; C. M. C. Magalhães; F. A. R. Pontes & I. D. Bichara (eds.). *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. (pp. 127-157). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Olinto, M. T. A. (1998). Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo a epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. In *Revista Brás. Epidemiol*, vol. 1, n. 2, (pp. 162-167).
- Pascoto, R. (2006). *Primeiras manifesta es de identidade de gênero: um estudo com crianças de 16 a 18 meses*. Disserta o de Mestrado, Psicologia da Educa o, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Rego, T. C. (1996). Vygotsky: implica es para a educa o. In: PLACCO, V. M. N. S. (org). *Psicologia e educa o: revendo contribui es*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC.
- Ribeiro, J. S. B. (2006). Brincadeiras de meninas e meninos: socializa o, sexualidade e gênero entre crianças e a constru o social das diferenças. In *Cadernos Pagu*, n. 26, (pp. 145-168).
- Rodrigues, P. (2003). *Questões de gênero na infância: marcas da identidade*. Instituto Piaget. Lisboa: St ria Editores Ltda.
- Serbin, L. A.; Poulin-Dubois, D. e Eichstedt, J. A. (2002). Infant's Responses to Gender-Inconsistent Events. In *Infancy*. Lawrence Erlbaum Associates, vol. 3, n. 4, (pp. 531-542).
- Silva, L. I. C., Pontes, F. A. R., Silva, S. D. B., Magalhães, C. M. C., & Bichara, I. D. (2006). Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeiras na rua: A hipótese de aproxima o unilateral. In *Psicologia: reflexão & crítica*, 19, (pp. 114-121).
- Silva, M. C. A. (1997). Identidade de gênero e expressão sexual masculina e feminina. In *Scientia sexualis*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 2, (pp. 80-88).
- Weinraub, M.; Clemens, L. P.; Sockloff, A.; Ethridge, T.; Gracely, E. e Myers, B. (1984). The development of sex role stereotypes in the third year. Relationships to gender labiling, gender identy, sex-typed toy preference, and family characteristics. In *Child Development*, 55, (pp. 1493-1503).
- Zamberlan, M. A. T. (1986). Preferências de escolares por tipos de brinquedos competitivos ou cooperativos. In: Bontempo, E., Hussein, C. L., Zamberlan, M. A. T. *Psicologia do*

Brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos (pp 93-117). São Paulo: Editora Nova Stella.

ANEXOS

ANEXO A



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Mestrado em Psicologia da Educação

Pesquisa: “Gênero e suas manifestações na primeira infância: um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade”.

A pesquisa tem por objetivo investigar em crianças de 21 a 30 meses de idade as manifestações de identidade de gênero, a existência de comportamentos ligados ao gênero e sua estabilidade, sob a influência da presença de outra criança do mesmo sexo ou de sexo diferente.

Para realização da pesquisa, serão oferecidos às crianças objetos (brinquedos) com base na representação social, na qual existe uma classificação puramente cultural, em que alguns brinquedos são classificados como masculino e feminino. Os dados coletados receberão o devido tratamento estatístico, possibilitando, dessa forma, verificar o nível de significação das escolhas feitas.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: Pais e/ou responsável

Eu, _____ RG: _____, na
condição de pais e/ou responsáveis de _____, autorizo sua
participação na pesquisa acima mencionada. Compreendo o que, como e por que este estudo
está sendo feito. Compreendo, ainda, que, sem qualquer ônus e a qualquer momento, o
pesquisador poderá deixar de atuar na escola e a criança poderá se desobrigar de participar da
investigação. Os dados coletados serão mantidos sob absoluto sigilo, tal como assegurado.

São Paulo / /

Assinatura dos pais e/ou responsável

Simone P. Paludeto
Psicóloga/Psicopedagoga
Pesquisadora PUC - SP

Simone Paludeto
E-mail: simonepaludeto@hotmail.com
Cel: (11) 73818861

ANEXO B



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Mestrado em Psicologia da Educação

Anexo B. Esta é uma pesquisa a respeito de brinquedos utilizados por meninos e meninas. Peço a sua colaboração para assinalar, do seu ponto de vista, quais os "objetos brinquedo" que você considera mais apropriados para o gênero masculino, para o feminino e para ambos.

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Brinquedos	Masculino	Feminino	Neutro	Não sabe	Total
Avião					
Bola					
Boneca					
Bijuteria					
Caminhão					
Carrinho					
Carrinho de Boneca					
Cosmético					
Fazendinha					
Jogo de Chá					
Jogo de Cozinha					
Jogo de Ferramentas					
Playmobil					
Quebra-cabeça					
Soldadinhos					
Telefone					
Trem					
Ursinho					

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)